



ISSN 2358-3320

CASA JEJE DE AZANSÚ-SAKPATÁ, R. S.

Hùngbono Charles

IFÁ E O SEU DESTINO NO BRASIL,

ENTREVISTA COM A WO IFÁDÁMILÁRE AGBOLE OBEMO.

Erick Wolff8

ORÍ O CONCEITO YORÛBÁ DE PESSOA.

Awo Ifádámiláre

A SOBREVIVÊNCIA DO MITO DE OBÁ NO BATUQUE DO R.S.

Luiz L. Marins

ASSENTAMENTO COLETIVO DE ORIXÁS, EXISTE?

Erick Wolff8

DIFERENÇA DO ALUJÁ DE SÂNGÓ VELHO PARA O SÂNGÓ NOVO NO TAMBOR.

Vagner de Aganjú

IDENTIDADE BATUQUEIRA

Pai Mozart de Iemanjá



Edit 15

Redação



Erick Wolff
Editor - Diretor

Diretor Espiritual do Ilê Axé Nãgó'Kobi



Dr. Roberto Tamelini Jr.
Jurídico

Iniciado no *Orisãismo* Afro-sul

Conselho Editorial

Yasmin Pastore Abdalla
Isabella Annicchino
Roberto Tamelini Junior
Rodolfo Presti



Carta do Editor

Caro leitor

A revista *Olorun*, está cada vez mais disponibilizando artigos e tecnologia para ajudar em suas pesquisas e estudos, por isso que trouxemos para você nesta edição artigos e um vídeo para que possam acrescentar aos seus estudos, esperamos que o aprendizado seja eterno e que possam propagar o conhecimento para quem tem sede de aprender.

a redação

Erick Wolff

Fonte de pesquisa linguística;

BENISTE, José, Dicionário Yorubá Português. 2009, Editora Bertrand Brasil Ltda, Rio de Janeiro.

Carta do Editor

Caro leitor

A revista *Olorun*, está cada vez mais disponibilizando artigos e tecnologia para ajudar em suas pesquisas e estudos, por isso que trouxemos para você nesta edição artigos e um vídeo para que possam acrescentar aos seus estudos, esperamos que o aprendizado seja eterno e que possam propagar o conhecimento para quem tem sede de aprender.

a redação

Erick Wolff8

Fonte de pesquisa linguística;

BENISTE, José, Dicionário Yorubá Português. 2011, Editora Bertrand Brasil Ltda, Rio de Janeiro.



Sociedade Nagô Kóbi

Visite o Portal Axé Nagô Kóbi, assim como carinhosamente é chamado, o Nagô Kóbi, *Nàgó'kòbí* (nascer primeiro, ou, refere-se ao primeiro *Aláàáfin* cultuado nesta nação), *Nàgó Kòbí* (construção no palácio do rei ou do chefe; cidadela), refere-se a uma das raízes (*Kànbínà*) da Nação *Òrişáista* Afro-sul, conhecida por Batuque, que nada mais é que um oriki (homenagem) a esta Nação, o Axé Nagô Kóbi foi criado pelo *Bàbálòrişà* Erick *Òòşáálá*, para atender às necessidades e bem-estar de todos os filhos e filhas do *Òrişáismo* Afro-sul no território nacional.

www.kobi.olorun.com.br

CASA JEJE DE AZANSÚ-SAKPATÁ, R. S.

Hùngbono Charles

16/09/2012

RESUMO

Este texto registra e exalta a memória dos ancestrais de uma casa Jeje de *Azansú-Sakpatá*, da sua fundação na década de 80, até os dias de hoje, narrando a formação e os pilares desta família.

Palavras Chaves: *Nagô, Vodun, Gayakú, Jeje, Toy Vodunò, Legbá, Jeji Mahi, Ayizan, Xorokê*

INTRODUÇÃO

A Casa Jeje de *Azansú*¹ (*Hùnkpámè Ayiono Ajaitó Hùndó*) ou Casa dos Jejes é um terreiro de tradição *Ewe-fon* (jeje) e nagô-*vodun* fundado por *Gayakú*² Alzira³ (cujo nome particular dado pelos *voduns* era *Azonsi Asogbabonyi*⁴) iniciada ao *Vodun Azansú* pelos ritos de nação provavelmente do terreiro jeje-baiano *Sejá Hùnde*⁵.

A fundação do templo foi dado por ordem espiritual e com o comando e proteção do *Vodun Azansú*, que é o dono da Casa. A fundação do templo data entre 1979 e início da década de 80, por *Gayakú* Alzira e outras duas mulheres que viriam a se tornar importantes *vodunsis*, como Mãe Luíza, irmã carnal de *Gayakú* Alzira, consagrada ao *vodun Kposú*⁶ (cujo nome particular era *Kposusi Hungbojilomi*) que chegou a comandar a casa por um curto período e a *Hùnsó*⁷ Adelina de *Ógún* (*Ogunsí Dilé*) ocupando o posto na casa até hoje, ambas foram iniciadas no culto de Batuque, raiz *Kànbina*, na cidade de Vacaria-RS, antes de migrarem para Jeje, e, por esse motivo influenciaram na estruturação do templo com alguns pequenos rituais e fundamentos do *Òrìṣàìsimo* Afro-sul (Batuque).

¹ *Azansú* - *Vodun* semelhante ao orixá *Omulu/Obaluaiê/Xapanã*; trata-se de um "apelido" do *Vodun Sakpatá*. Outros nomes: *Azonsú*, *Azawani*, *Akosi-Sakpatá*.

² *Gâyákú* - Sacerdotisa cujo *vodun* pertence à família dos nagô-*vodun*. Tem como provável tradução: *Gān*: importante; *yā*: mãe; *kú*: morte, ou neste caso seria mais dando um sentido de imortal.

³ Alzira: - Alzira da Silva, sacerdotisa fundadora da Casa Jeje de *Azansú*.



A casa situava-se em zona rural, no início da sua fundação, com grande espaço dedicado aos *Voduns*, porem após o falecimento de *Gayakú* Alzira, o culto foi transferido para a casa do *Hüngbono* Charles, situado mesma cidade de Vacaria-RS.

Durante todo o tempo da casa houve poucas iniciações, a primeira grande e marcante iniciação ocorreu em 1982, com um barco (*Ahama* ou *Ahehun*) de 7 *vodunsis*, e depois em 1996 um outro barco com 3 *vodunsis*, do qual se deu a iniciação do *Hüngbono*⁸ Charles. E no ano de 2011 foi recolhido por *Hüngbono* Charles o terceiro barco com 3 *vodunsis*.

O motivo de haver poucas poucas iniciações, são justamente as complexidades dos rituais jejes, o tempo de reclusão e o fato de as *vodunsis* serem escolhidas pelos próprios *Voduns*. Segundo *Gayakú* Alzira "quem escolhe as pessoas para o culto e a tarefa de trazer novas *vodunsis* cabe somente aos *Voduns*".

Estrutura e Organização dos panteões de Voduns

A Casa Jeje é organizada da seguinte forma:

- Há os três panteões de *Voduns*, cujo dois são formados de *voduns* jejes e um de *voduns* nagôs.
- Há os Caboclos e Encantados, que são admirados, queridos e apreciados pelos *voduns* jejes e que são considerados "os donos da terra", assim nos diz Azansú. Apenas são eles na

⁸ *Hüngbono* – Sacerdote do culto jeje, cujo *vodun* pertence à família de *Sakpatá*.

verdade, em sua maioria, divindades cultuadas pelos ameríndios e não os próprios ameríndios.

- Há ainda, embora que não sejam representados e nem possam compartilhar casa com os *voduns* e não tendo seu culto incorporado totalmente a casa, os pretos-velhos que são queridos pelos *vodunsis* da casa.

Os Panteões de *Voduns*

Os *Voduns* que formam a Casa Jeje, são pertencentes a três grandes famílias de *Voduns*, sendo cada família comandada por um *Vodun* diferente. Cada família tem um *vodun* jovem que é o mensageiro daquela família, um *vodun* velho que é o pai daqueles *voduns* e um *vodun* feminino que é a mãe daqueles *voduns*. Em conjunto estas três famílias formam o panteão da Casa.

A figura de *Mawu-Lisá*⁹ embora de grande importância, não recebe culto organizado, exceto em certas danças, quando as *vodunsis* cantando em língua africana se referem com grande reverência a figura de *Mawu*.

As famílias de *voduns* da Casa Jeje de *Azansú* são as seguintes:

- Família de Dan ou Serpente:

⁹ *Mawu-Lisá* - Divindade dupla, criadores dos homens e forças que mantêm o equilíbrio do mundo, sendo *Mawu* a divindade suprema e feminina e *Lisá* seu masculino.



Dan

"Os *Voduns* que são serpentes, todos eles, a família é *Dan*¹⁰. Eles são do movimento, do começo e do fim, e da riqueza. São eles que fazem chover. A mãe deles é o Arco-íris". Explicava *Gayakú Alzira*.

Dan é a família dos *Voduns* que tem forma de serpente, são todos considerados príncipes e princesas do reino *Vodun*, e *Bessém*¹¹ seu rei, é o Rei de toda a nação.

O mais velho de seus *Voduns* é *Dambala*¹² (*Dangbadahwedo*) o pai, e *Ayidohwedo* - o arco-íris - é a mãe.

O mais jovem *vodun* e o mensageiro entre eles é *Bafono*¹³.

Bessém ou *Dangbé* é o *vodun* principal. Ele é a origem de todas as formas de vida, e é extremamente adverso a morte e a tudo que a represente. Chamado também de "*Odan*" pelos *voduns* e *vodunsis* da Casa Jeje, que o festejam a cada Janeiro.

Outros importantes *voduns* da família de *Dan* são *Kwenkwen*¹⁴ (*Frekwen*), *Ojikún*¹⁵, *Aziri*¹⁶ e *Ewá*¹⁷.

¹⁰ *Dan* – Nome pertinente a um *Vodun* e uma família de *vodun*. Significa *cobra, serpente*. Todo *vodun* que tem forma de serpente pode ser chamado *Dan*, sendo que o mais velho deles é *Ayidohwedo* a Serpente-Arco-íris.

¹¹ *Bessém* - *Vodun* principal da família de *Dan*, representa a vida.

¹² *Dambala* – Pai dos *voduns* da família de *Dan*, é uma serpente albina.

¹³ *Bafono* – *Vodun* mais jovem da família de *Dan*, ligado ao poço

¹⁴ *Kwenkwen* – Divindade ligada às chuvas, uma das esposas-irmãs de *Bessém*

¹⁵ *Ojikún* – Divindade dos arco-íris da lua e do sol, outras esposa-irmã de *Bessém*.

¹⁶ *Aziri* ou *Ezin*: Divindade das águas.

¹⁷ *Ewá* - Divindade da doçura e das transformações.

Suas sequências de cânticos encerram os *Drózan* ou toques dos *Voduns*.

No *zandró*¹⁸ se louva *Dan* nas primeiras cantigas.

As *vodunsis* da família de *Dan* chamam-se *dansi*, *Ogorensi*, quando iniciadas a *Dambala* ou *Bessém* respectivamente, *Kwenkwensi* ou *Ogorensi* quando iniciadas a *Kwenkwen*, *Jikunsi*, *Ewási*, *Azlisì*, *dekasì* quando iniciadas à *Ojikún*, *Ewá*, *Ezin* (*Aziri*) e *Bafono*, respectivamente.

As sacerdotisas e sacerdotes de *Dan* são chamados *Mejitó*.

A principal saudação é *Arroboboi* (*Danxógbobonyi*).

As cores são variadas. Para *Ayidohwedo* é o multicolorido, *Dambala* é o branco, *Bessém* e *Kwenkwen* é verde e amarelo, *Ojikún* e *Ewá* é o vermelho, rosa e branco, *Aziri* varia entre azul, amarelo, vermelho e branco e *Bafono* usa amarelo, azul e branco.

- Família de *Hevioso*, *Kaviono* ou *Trovão*

"Os *voduns* do trovão são chamados *Kavionos*. Todos eles são jejes, mas *Badé*¹⁹ também é nagô, alguns deles são do fogo e outros são das águas."

¹⁸ *Zandró* - Ritual que antecede as festividades e toques dos *Voduns*, uma espécie de "convite" aos *voduns* para virem a festa. Também é uma louvação aos ancestrais.

¹⁹ *Badé* - *Vodun* que representa a centelha de fogo; filho de *Sógbó* e *Adèn*

Os *Kavionos*²⁰ ou *Kaviosos*, são *voduns* ligados aos raios, ao fogo, à água, por consequência tem ligações com a chuva. O *vodun* chefe desta família é o *vodun* que representa o raio, *Sògbó*²¹.

Averekete é o mensageiro e o mais jovem dos *voduns* desta família, sendo também o *vodun* que liga os *voduns* do fogo aos *voduns* das águas, união entre mundos diferentes, por isso ele assim como *Legba*²² é um *vodun* de ligação e mensageiro, pois ele é filho de *Sògbó* e *Agbé*²³.

Kposú, a pantera, é o *vodun* mais velho da família e *Agbé* é considerada a mãe destes *voduns*.

Esta família foi organizada na Casa por *Azansú*, e segue duas linhagens de formação. Uma é dos *voduns* do trovão, do raio e do fogo (*sò-voduns*) e a outra é dos *voduns* do trovão e das águas (*tò-vodun*), sendo uma linhagem comandada diretamente por *Sògbó* e outra por *Agbé*.

Kposu é um *vodun* que aparece como o mais velho entre os *sò* e os *tò vodun*. Segundo as crenças da Casa este *vodun* é uma pantera, e "com ele ninguém brinca".

Os *sò-voduns* são *Kposu*, *Sògbó*, *Badé*, *Aden* (feminina), *Loko*, *Averekete* e *Akarumbé*.

Os *tò-voduns* são *Agbé*, *Agbetawayó*, *Goheji* (ninfa), *Sayó* (cultuada nos fundamentos de *Agbé*) e *Averekete*.

²⁰ *Kaviono* – Denominação comum aos *voduns* do raio.

²¹ *Sògbó* – *Vodun* que representa o raio.

²² *Legba*: *Vodun* da comunicação e da ligação entre os homens e os *Voduns*. Também está ligado a sexualidade.

²³ *Agbé* – Mãe senhora de todas as águas.

Todos esses voduns são adversos à morte, sendo que o cachorro é uma das suas maiores *bekós* (interdito).

Pela tradição nagô-*vodun*, *Oyá*²⁴ aparece muito ligada a esta família de *voduns*.

São louvados em início no *Drozan* e intermediariamente no *zandró*.

Os Voduns *kavionos* são ligados à justiça. Todos são *voduns* ao qual os filhos e filhas recorrem para estas causas. O *amalá*²⁵ é comida principal dos *sô-voduns*.

- Família de *Sakpatá* ou da Terra
- Família de *Sakpatá*, Nagô-*vodun*, ou da Terra

"O dono da Casa Jeje é *Azansú*, o *vodun* da terra e das doenças. Ele é nagô e é ele quem traz os nagôs para o Jeje"

Esta é a família dos *Voduns* considerados nagôs pelos jejes, cujo principal *Vodun* é *Azansú* ou *Azonsú*. Hoje se diria que *Azansú* ganhou muito na Casa dos Jejes, alguns dos atributos que *Xapanã* ganha em cultos do Batuque, pois as primeiras *vodunsis* da casa inicialmente chamavam-no pelo mesmo nome do Orixá, reconhecendo nele a mesma divindade.

²⁴ *Oyá* – Divindade nagô dos ventos e tempestades.

²⁵ *Amalá* – Comida dos *sô-voduns* feita com quiabo, cebola, camarão, carne, pimenta e azeite-de-dendê.



Sakpata

A família dos *voduns* da terra também se divide em duas linhagens, uma dos *ayi-voduns* (próprios *voduns* da terra) e a outra dos *jono-vodun*²⁶ ou anagôs, divindades que são na verdade Orixás cultuados pelas tradições yorubá.

O *Vodun* mais velho desta família é *Azansú* e a mãe é *Aziri Tobosi*; o mais jovem e mensageiro é *Avimaje*²⁷.

A linhagem dos *Ayi-vodun* é bem resumida na Casa Jeje, uma vez que muitos são louvados dentro do culto de *Azansú* e não possuem culto individualizado. São eles: *Azansú*, *Avimaje*, *Agué*, *Pararálgbú*; *Dadá-Zodji* e *Vesú* (cultuados dentro do culto de *Azansú*); *Naná*²⁸ e *Aziri Tobosi*.

A linhagem dos Anagôs tem na casa dos jejes as seguintes divindades: *Ògún*²⁹ (o jovem e mais falante, mensageiro dos anagos na Casa), *Odé*³⁰ (em algumas danças também louva-se *Otim*³¹ pelos cânticos por influências do Batuque), *Oyá*, *Òsùn*³², *Yemonjá*³³ (a mãe de todos os anagôs), *Olisá*³⁴, *Obá*³⁵ (cujo culto veio do Batuque), *Logun*³⁶.

²⁶ *Jono-vodun* - *Vodun* estrangeiro; *jono*: estrangeiro.

²⁷ *Avimaje* – *Vodun* jovem e guerreiro da família de *Azansú*, é quem leva as “almas”.

²⁸ *Naná*: Divindade considerada como a Grande Mãe Ancestral dos *voduns* e criadora da Terra.

²⁹ *Ògún* – Divindade nagô da guerra e do ferro, um dos comandantes da Casa Jeje.

³⁰ *Odé* – O caçador.

³¹ *Otim* – Companheira de *Odé*, porém não tem culto organizado na casa nem é iniciada em ninguém.

³² *Òsùn* – Divindade do amor, das águas doces e da fertilidade.

³³ *Yemonjá* – Mãe dos *voduns* nagôs, senhora das águas, da maternidade e da gestação.

³⁴ *Olisá*: Nome que se dá ao orixá Oxalá em território jeje. Não é o mesmo que *Lisá*.

³⁵ *Obá* – Divindade nagô da luta, do ciúme e protetora das mulheres que são mães solteiras.

³⁶ *Logun* – Filho de *Òsùn* e *Odé*.

Estas divindades são louvadas em língua *fon* e em língua *yorùbá*, por isso a casa tem seu aspecto nagô-*vodun* (uma casa *vodun* com traços nagôs).

Os nagô-*voduns* são louvados em intermediários durante o *Drözan*³⁷ e na parte mais ao fim no *zandró*.

As *vodunsis* da família nagô-*vodun* chamam-se também anagosì e as sacerdotisas *Gayakú* (para o masculino é *Hüngbónò*).

Azansú é o grande *Vodun* da Casa Jeje. Foi ele junto com *Ògún* e *Kposú* que ensinaram e orientaram as primeiras *vodunsis* da Casa e até os dias de hoje vem comandando a Casa.

Os Caboclos

Os Caboclos da Casa são chefiados pelos Caboclos *Tupã* e *Aracy*, e dançam na Casa de tempos em tempos. Não existe nenhuma iniciação ou forma de "batismo" específica para estas divindades, e eles são hóspedes de *Azansú*. Seus cânticos são em língua portuguesa e bem diversificados. Em seus toques não há qualquer ligação com os *Voduns*. São hierarquicamente inferiores aos *Voduns*, assim como os santos católicos que fazem parte da fé de algumas *vodunsis* também são considerados em posição inferior a eles, na hierarquia divina.

Os *Vodunsis* da Casa Jeje podem dançar com mais de um *Vodun*, porém sua iniciação bem como suas obrigações são feitas apenas em honra ao seu "*tá*"³⁸-*vodun*" ou *vodun* principal.

³⁷ *Drözan* – Toque aos *voduns*, o mesmo que xirê para os nagôs.

³⁸ *Tá* - o mesmo que "ori" para os *yorùbá*.

A adoração e o culto na Casa Jeje

Os *Voduns* da Casa Jeje de Azansú, como já visto, são divididos em três grandes famílias, de modo que todos hierarquicamente são louvados em igualdade pelos *Vodunsis* da casa. Os *Voduns* da Casa Jeje são divindades que ao "baixarem" a terra convivem e se comportam de modo semelhante as pessoas, isto é, são divindades que se mantêm muito próximas, de modo que conversam, ensinam e dão explicação aos filhos.

Alguns *voduns* da casa recebem mais reverências por parte dos *vodunsis* do que outros, de forma que alguns tomam um segundo plano no sentido da adoração, não deixando de forma nenhuma de estarem todos em pé de igualdade hierarquicamente pois todos são queridos e importantes, porém algumas divindades a exemplo de *Logun*, *Sayó* e *Averekete* que não recebem culto de forma tão ampla como *Ògún*, *Azansú*, *Kposu* e *Bessém* por exemplo.

Os *voduns* da casa são louvados em toques denominados *Drözan*. Antecedendo o *drözan* acontecem os ritos de *zandrö* e *nahuno*³⁹ que são cultos de louvação e chamada dos *voduns*, sendo uma espécie de convite que os *vodunsis* fazem aos *voduns* para virem ao toque, quando se tratar de uma festividade ou atividades que perdurarão mais de três dias. O encerramento festivo é denominado *Jonu*, equivalente ao rito "*nadokpé*"⁴⁰ da Casa das Minas.

No *zandrö* outras três divindades de grande importância da casa, que não tem família específica, são louvados: *Ayizan*⁴¹, divindade da terra; *Legba*, o mensageiro e *Xoroke*⁴², o guardião. Deles

³⁹ *Nahuno* ou "*nukuku*", é o ato do sacrifício ritual.

⁴⁰ *Nadokpé* - Cerimônia de encerramento de festividades na Casa das Minas (casa jeje de São Luis-MA). Em língua fon "Na: partícula indicadora de futuro" e "*dokpé*: agradecer".

⁴¹ *Ayizan* - Divindade feminina ligada diretamente a terra e a morte, responsável pelas reverências aos ancestrais.

depende o bom andamento da obrigação a ser realizada. No *nahuno* determinados *voduns* recebem seus sacrifícios de acordo com a obrigação a que se esteja fazendo e pode acontecer antes e/ou depois das obrigações, dependendo do que se trata.

Geralmente os toques da casa estão ligados as obrigações ou festividades, raramente havendo um toque apenas destinado a dança de *voduns* sem que haja um oferecimento específico.

O mês de janeiro e início de fevereiro é o período festivo de maior importância, onde todos os *voduns* da casa recebem suas oferendas. Inicia-se no segundo domingo do mês de janeiro que sucede as honras de *Zonodö*⁴³, que acontece no dia 6 de janeiro (dia de reis) e representa a fartura e a abundância. Na madrugada do primeiro domingo (de sábado para domingo) se faz o primeiro *zandrö*. Os *nahuno* ocorrem geralmente ao fim do *zandrö*. O rito do *nahuno* é realizado atualmente no *comé*⁴⁴ (sobre o *peji* ou *pôdôme*⁴⁵), anteriormente realizados nos *atinsás*⁴⁶ de cada vodun. No primeiro domingo há o toque festivo que é dedicado aos principais *voduns* da casa (em especial *Azansú* e *Ògún*, *Kposu*, *Oyá*, *Yemonjá*, *Òsùn* e *Nanã*), denominado *Arrambã*⁴⁷. Segue-se e durante a semana se realizam, no caso de ordens de *voduns*, alguns pequenos toques de danças. Antigamente os *Voduns* podiam ficar até 3 dias incorporados nas *vodunsis*. O segundo domingo é dedicado aos *voduns* da família de *Hevioso* ou *Kaviono* (em

⁴² *Xoroke* - *Xohoxwé* em *fon*, é a divindade que fica no portão da casa, o defensor.

⁴³ *Zonodö* ou *Zonodôno* - Provavelmente é o mesmo *vodun* que na Casa das Minas se chama *Zomadonu*. Na Casa Jeje de *Azansú* é uma divindade da família de *Hevioso* (*voduns* do trovão) ligado a fartura e a prosperidade, festejado ao dia 6 de janeiro (Dia de Reis) por ser considerado um rei. Não dá transe nem é iniciado em ninguém e também não recebe reverências em nenhum outro ritual.

⁴⁴ *Comé* - Recinto ou local onde estão os assentamentos dos *voduns*.

⁴⁵ *Pôdôme* - Do fon *Kpodome* (buraco da pantera), constitui o chão do *comé* que está sacralizado.

⁴⁶ *Atinsá* - Árvore sagrada, onde se depositam os assentamentos dos *Voduns*.

⁴⁷ *Arrambã* - Do fon *Axāban*, significa "primeira dança".

especial *Kposu*), e há um segundo *zandró* que é de forma reduzida apenas louvando *Legba*, *Ayizan* e *Xoroké* e reverencia-se os *kavionos*, mas não há *nahuno*. E nesta semana geralmente não há toques nem manifestação de *voduns*. No último domingo de Janeiro que é o terceiro domingo de festa, é o domingo dedicado a Dan e é denominado "*Boitá*"⁴⁸. No *zandró* do *boitá* se realiza os *nahuno* referentes ao *Vodun Bessém* que é o rei da nação. Antigamente o *Boitá* era feito em forma de procissão. Atualmente acontece apenas a dança, e *Ògún* dança manifestado em nossa *hùnsó*, com a oferenda do *boitá*, segurando-a na cabeça. Em fevereiro ocorre a obrigação que encerra o ano litúrgico, a obrigação a *Aziri Tobôssi* (*Azli Tôgbôsi*)⁴⁹ que é a mãe de todos os *voduns mahi* (*maxinu*), vodun semelhante a *Yemonjá*. Acontece a beira de um lago, fonte de água ou rio, e enfrenta-se atualmente algumas dificuldades na execução ritual, pois se torna difícil a locomoção de objetos e todos os pratos utilizados para oferecer a *Aziri Tobosi*, muitas vezes acontecendo de apenas os *nahuno* acontecerem a beira d'água e o toque no terreiro. Durante o *zandró* que antecede a obrigação de *Aziri Tobôssi* acontece o *tô* (banho dos *voduns*) e as ladainhas recitadas em língua africana pelos *voduns*. No domingo da obrigação os *nahuno* ocorrem logo de manhã e a tarde há o toque que se difere dos demais, a primeira parte é entoada, com os *voduns* dançando, os cânticos normais do *drôzan* e na segunda parte os *erês* vem e há a distribuição de alimentos votivos e a confraternização e segue-se a sequência de cânticos do *zandrô*, indicando o *Jonu* ou despedida dos *voduns*. Por ocasião de obrigações, promessas ou recolhimento de barcos (*Ahâma* ou *Ahehun*) podem ocorrer toques aos *Voduns*, como por exemplo em junho onde acontecem dois toques em honra a *Badé* e *Sogbo* respectivamente.

⁴⁸ *Boitá* - do fon *Gbotá* "cabrito na cabeça", cerimônia em honra a *Bessém* em que *Ògún* dança com a cabeça do animal sacrificado a *Bessém* sobre sua cabeça.

⁴⁹ *Azli Tôgbôsi* - vodun de origem *mahi*, considerada a mãe de todos os *Voduns*. É a divindade que rege as profundezas das águas.

Também há os toques das mães, os toques de primavera e outono, e em data móvel louvações específicas a Nanã *Bulukú*. Os Caboclos recebem toques de tempos em tempos igualmente sem data específica. Os Caboclos são apreciados, queridos e admirados pelos *voduns*, logo nós *vodunsis* também apreciamos, queremos e admiramo-nos. São mais "brutos" em alguns aspectos do que os *Voduns*.

Aspectos culturais da Casa Jeje

A Casa Jeje de *Azansú* é uma casa de tradições jejes com alguns traços nagôs, sendo uma casa caracterizada pela cultura nagô-*vodun*.

As divindades cultuadas são *Voduns*, havendo a presença de alguns orixás de origem nagô, cultuados a maneira jeje, sendo recebidos e considerados *voduns* pelos demais. A divindade que rege a Casa é *Azansú*, *vodun* velho da família de *Sakpatá*⁵⁰.

O dialeto utilizado na casa é o *fongbé*, já um tanto descaracterizado e corruptelado, mas que se pode identificar na fala das *vodunsis* e nas nomenclaturas usadas, palavras como *yä* (mãe), *nochê* (minha mãe), *tochê* (meu pai), *nobô* (avó), *novichê* (meu(a) irmão(a)), *novichê sunu* (meu(a) irmão(a) mais novo), *novichê nyonu* (meu(a) irmão(a) mais velho) e muitas outras.

A sala onde dançam os *voduns* é denominado *agbasá*⁵¹ ou *gumê*⁵².

⁵⁰ *Sakpatá* - *Vodun* da terra e da variola; sua família reúne todos os *voduns* ligados a terra e as doenças e também os orixás que são cultuados na Casa Jeje.

⁵¹ *Agbasá* - em *fongbé*: sala

⁵² *Gumê* - em *fongbé* *agumê*: pódio.



Nanã

O local onde se encontram os assentamentos dos *voduns* é o *comé*, onde se encontra o *pôdôme*.

O local reservado aos *voduns* e as *vodunsi*s que ficam reclusas é o *Hündeme*⁵³.

Os *voduns* da Casa Jeje não usam paramentas como no culto tradicional do Candomblé, embora usem alguns adornos que demonstram sua presença na *vodunsi*. São utilizados nos toques três atabaques, o ferro (*gän*) e as cabaças. Os atabaque são tocados exclusivamente por homens denominados *Hüntó*⁵⁴ chefiados pelo tocador mais antigo que é o *Hüntógán*⁵⁵. Cada atabaque representa um *Vodun*, sendo que o maior deles pertence a Azansú, o dono da casa. O ferro e as cabaças pode ser tocado por homens ou mulheres.



O posto sacerdotal denominado Gayakú (feminino) ou Hüngbónò (masculino) conta com duas auxiliares diretas: a *Hünsó* (cujo masculino é *mehüntó*) e a *Déhé* (mãe criadeira, aquela que cuida e ensina as *vodunsi-ahè*⁵⁶, exclusivamente posto feminino). Não se utiliza na casa o título de *Toy Vodunò*⁵⁷, como ocorre com as casas de

⁵³ *Hündeme* - Em fongbé: quarto do vodun.

⁵⁴ *Hüntó* - Em fongbé: pai do tambor.

⁵⁵ *Hüntógán* - Em fongbé: senhor (no sentido de importante) pai do tambor.

⁵⁶ *Vodunsi-ahè* - Aquelas que foram recém-iniciadas; são chamadas assim até completarem 3 anos de santo.

⁵⁷ *Toy Vodunò*: *Vodunò* é um título de sacerdotes *voduns* do Benin e algumas casas brasileiras, cujo sinônimo é *Hünnó* e o feminino é *Vodunná*. A palavra *Toy* que é corruptela de *Ató nyí* (nome do pai) é um título na verdade cabível ao *vodun* e não ao sacerdote, visto que sua utilização se deu inicialmente na Casa das Minas (*Xwelegbetan Zomadonu*) para denominar os *Voduns* masculinos.

Tambor-de-Mina (culto afro-brasileiro, típico do estado do Maranhão).

Quando da morte de alguma pessoa da Casa, há o *Sirrum*⁵⁸, onde se realizam os *zenli*⁵⁹, que no caso de uma pessoa de cargo importante, pode ocorrer até os 7 anos.

Atualmente a Casa conta com um número reduzido de *Vodunsis*, com apenas 3 *vodunsi-temi*⁶⁰ e algumas *vodunsi-ahé*. Não conta com casas filiais nem está vinculada a outras casas.

Os Guardiães De Uma Casa Jeje.

O Culto de Legbá na Nação Jeji Mahi

Legbá (*Legbà*, em *fongbé*) é um *Vodun* muito importante, tanto no Benin como na diáspora, por ser aquele que tem como atributos ser o protetor e o mensageiro entre os homens e os *Voduns*. O *Legbá* é cultuado pela totalidade das Casas de Jeji no Brasil (exceto na Casa das Minas “*Kwlegbetan Zomadonu*”) e em todos os *Hùkpámè*⁶¹ do Benin, este *Vodun* é louvado e oferendado no ritual do *Zandró*⁶². No Brasil não é feito e nem entra em transe, não tendo *vodunsi*. No Benin há *vodunsi* dedicadas a estes *voduns*, recebendo a denominação de *legbási*⁶³.

⁵⁸ *Sirrum* - Em *fongbé*: *Ciòhùn*, literalmente “*vodun* morreu”.

⁵⁹ *Zenli* - literalmente “tambor de choro”; cada um dos toques do *sirrum*.

⁶⁰ *Vodunsi-temi*: aquela *vodunsi* que já completou sua iniciação, com 7 anos de iniciada.

⁶¹ *Hùkpámè* - Conventos de *voduns*, do *fongbé*: *hùn*: o mesmo que *vodun* e *kpámè*: fazenda, convento.

⁶² *Zandró* - Vigília que antecede os toques (*dròzan*) dos *voduns*.

⁶³ *Legbási* - Pessoa iniciada ao *vodun Legbá*; do *fongbé si*: esposa.



Legbá é o correspondente *Jeji* ao *òrìṣà Èṣù (Bara)* dos *yorùbá*. É o filho mais jovem do par *Mawu-Lisá*⁶⁴ ou *Dadá-Segbo*⁶⁵. Seu assentamento é um montículo de barro com um falo ereto, representação de sua relação com a sexualidade masculina, e com dois chifres. Possui ligações com *Ayizan* e *Xorokwe*.

Legbá sempre é cultuado primeiro, do que qualquer *Vodun*, esta regra jamais é esquecida pelo povo *Fon*, pois é ele que se encarrega de deixar passar qualquer tipo de oferenda seja a que *Vodun* for. Mesmo nos casos de descarrego e outros tipos de interversão espiritual praticada seja por qualquer sacerdote e de qualquer culto espiritual (vale ressaltar, porém, que no Brasil, em rituais como o *Zàndró*, a primeira divindade reverenciada é *Ayizan*). Está encarregado em vigiar o bom andamento e atitudes do ser humano, seja benéficas ou maléficas e se incumbirá das devidas cobranças.

Também deve-se citar que *Legbá*, é o único *Vodun* masculino que tem acesso ao mundo espiritual da *Kenesi* (senhoras poderosas e grande Mãe Ancestre).

Uma de suas saudações é “*un j’avalu hùn Legbá*”.

O dia dedicado à *Legbá* é a segunda-feira, juntamente com *Xorokwé*, *Ogun*, a família de *Sakpatá*⁶⁶ e *Ayizan*. Sua cor é o vermelho, o multicolorido e o transparente. Aceita como oferendas a farofa de dendê e mel, cachaça, acaçá de milho, milho torrado e feijão.

⁶⁴ *Māwū-Lisá* - Par criador, divindade dupla que mantém o equilíbrio

⁶⁵ *Dadá-Segbo* - Título dado a *Māwū-Lisá*: grande par criador.

⁶⁶ *Sakpatá*: *vodun* da variola e da terra. Todos os *voduns* da terra e das doenças, bem como aqueles de origem *naḡò* fazem parte da família de *Sakpatá*.

O Culto à Ayizan e aos Antepassados



No culto *Jeji mahi* dos *voduns*, *Ayizan* é tratada como sendo um *Vodun* feminino que rege a memória ancestral, os antepassados e a morte. É também a personificação do elemento terra. *Ayizan* está muito ligada também a *azan*⁶⁷ e aos ritos da iniciação, como também com a palmeira de ráfia.

No *Jeji mahi* não há um culto voltado diretamente aos antepassados ou mortos (*kukuto* ou *Akututo*). Todos os antepassados da casa são reverenciados através do assentamento dedicado a *Ayizan*, não existindo Casa de *Egun* (Casa de *Kukuto* ou *Kutitó*, *Kuxö* ou *Kuxwé**).

Ayizan recebe muitos tipos de oferendas, dentre os quais se destacam milho, feijão, farofa de dendê, água, açaçá, pirão, dentre outros. Seu dia é a segunda-feira e sua cor é o branco pálido.

A reverência exclamativa a *Ayizan* no ritual do *Zândró* mostra toda sua importância para o culto.

A saudação para *Ayizan* é “*nogbó kukutó, Ayizàn nogbó*”

⁶⁷ *Azan* – Esteira de palha muito comum nos rituais africanos.

O Vodun Xorokê ou Ogun-Tolú

O *Vodun Xorokê* (na grafia correta *Sohoxwé*, e lê-se sororruê) é o guardião de uma Casa de culto aos *voduns*. Por ocasião de qualquer ritual, *Xorokê* deve ser reverenciado e oferendado, pois dele depende a segurança e a firmeza da casa tendo por isso grande importância dentro do culto.

Seu assentamento compõe-se de um fechado de arame de 50cm x 50cm sob o qual são cravados no chão alguns metais com formatos que lembram lanças e espadas ou facas, assentamento denominado “*sén sohoxwé*”. Fica logo a entrada do portão principal e demarca o limite de culto duma roça de candomblé, não sendo necessariamente obrigatório haver um *atinsá* (árvore sacra) para esta Divindade.

Por sua relação de guardião, tem muitas proximidades com *Legbá* e com o nagô *Ogun*, por isso muitas vezes é chamado de *Ogun Xorokê* ou *Ogun-Tolú*. Tem ligações com a família dos *Kavionos*.

O dia consagrado a *Xorokê* é a segunda-feira. Seus principais alimentos votivos são o milho torrado e o *amalá* com bastante pimenta. Também aprecia cachaça, fumo e azeite de dendê.

A saudação referente a *Xorokê* é “*Hün lebenwé xwé*”.

Sua cor é o vermelho em tom escuro, podendo ser o bordô.

REFERÊNCIAS

Templo fundado por *Gäyäkú* Alzira (*Azonsi Asogbabonyi*) em 1980 , na cidade de Vacaria-rs , na rua Ângelo Peroni, atualmente governado por *Hüngbónò* Charles (*hùnsi agbaji dofami/Hüntó Somerasuleme*⁶⁸).

Charles da Silva, *Hüngbono* Charles, iniciado em 12 de fevereiro de 1996, por *Gäyäkú* Alzira de *Azansú* para divindade *Yemonjá* (*Naesin Togbo*) possui o cargo de *Hüngbónò*

Imagens

Artista *Cyprien Tokoudagba* (beninense, nascido em 1939)

⁶⁸ *Hùnsi agbaji dofami*: nome dado pelos *voduns* a *Hüngbónò* Charles na iniciação; *Hüntó Somerasuleme*: nome conferido pelos *voduns* ao mesmo após recebimento do cargo sacerdotal (*vodunsi-hunjai*).

**IFÁ E O SEU DESTINO NO BRASIL,
ENTREVISTA COM AWO IFÁDÁMILÁRE AGBOLE OBEMO.**

Por Erick Wolff8
20/09/2013

Erick Wolff - Explique em poucas palavras o que é Ifá?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - O significado da palavra *Ifá* está relacionado com sabedoria ou conhecimento, em um contexto religioso *Ifá* é o nome dado a uma disciplina espiritual que contempla um sistema religioso completo, em outras palavras, podemos dizer que *Ifá* é uma filosofia de vida centrada na observação da atividade das forças espirituais que sustentam o universo. Este sistema religioso é de origem *Yorùbá* e se organizou a partir de eventos históricos ocorridos na Nigéria, mais especificamente na cidade de *Ilè Ifé*, onde acredita-se ser o berço de *Ifá*. Segundo *William Bascom* em seu livro *Ifá Divination*: “*Ifá* é praticado pelos *Yorùbá* e *Benin Edu*, da Nigéria (*Dennett*, 1910: 148; *Melzian*, 1937: 159; *Bradbury*, 1957: 54-60; *Parrinder*, 1961: 148); pelos *Fon*, do Daomé (hoje Rep. do Benim), que a denominam *Fa* (*Herskovits*, 1938: 201-230; *Maupoil*, 1943); e pelos *Ewe*, do Togo, que a conhecem por *Afa* (*Spieth*, 1911: 189—225). Os *Fon* e os *Ewe* reconhecem como local de sua origem a cidade *Yorùbá* de *Ifé*”.

Ifá também é o nome do sistema oracular baseado na interpretação de histórias sagradas organizadas em 256 capítulos. É costumeiro na Diáspora chamar qualquer tipo de oráculo divinatório de *Ifá*. Eu entendo que o tradicional jogo de búzios utilizado pelo culto de *Òrìsà* no Brasil pode ser ou não amparado pelo sistema *Ifá*. Isso não quer dizer que um ou outro sistema seja melhor ou pior, tudo depende da relação que o sacerdote tem com o plano espiritual.

Erick Wolff – De um pequeno esclarecimento sobre os Odù?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - A palavra *Odù* pode ser traduzida simbolicamente como útero em alusão ao aspecto gerador neles contidos. Os *Odù* são padrões de energia que se consolidaram durante a criação do universo espiritual e físico. Contudo, esses padrões de energia continuaram a evoluir e eles são responsáveis por garantirem a existência e evolução do Universo. Segundo *Ifá*, os *Odù* são a matéria-prima original utilizada pela Divindade (entenda-

se aqui todas as entidades que foram responsáveis pela Criação) para executar a Criação de tudo o que existe, ou seja, tudo que temos no plano espiritual/físico, se originou dos *Odù*.

É importante entender que apesar disto, eles não estão conscientes da forma que as Divindades os são, ou ainda, se eles possuem algum tipo de consciência ela não está acessível à Humanidade. Consideramos que os *Odù* são essencialmente energia e que podem ser invocadas mediante a habilidade de sacerdotes específicos. A invocação de *Odù* tem por objetivo conectar-se a essa energia original e com isso propiciar algum objetivo específico. Existem 16 *Odù* principais conhecidos como *Odù Meji* (são os 16 *Odù* primários) e 240 *Odù* derivados ou filhos, conhecidos como *Omo Odù*; cada um deles possui características específicas descritas através de histórias sagradas a eles associados. E é baseado neste modelo que está amparado o sistema oracular.

Erick Wolff – Quanto ao *Odù* do nascimento, é possível obter este *Odù* quando adulto?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Sim, uma consulta a *Ifá* direcionada a este fim irá revelar o *Odù* de nascimento, porém é importante esclarecer que esta informação é importante apenas para um recém-nascido. O *Odù* de nascimento traz orientações para apoiar o início da nossa vida, ou seja, ele vai apontar necessidades imediatas e irá trazer a grosso modo o caminho que os pais devem conduzir o seu filho.

Erick Wolff – É possível usar cálculos matemáticos para chegar ao *Odù* do nascimento?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Não, segundo *Ifá* isso não faz sentido. O *Odù* de nascimento está registrado no *Ori* e somente através de uma consulta oracular é possível obter essa informação. Se fosse possível sacar o *Odù* pela data de nascimento teríamos uma legião de pessoas nascidas no mesmo dia e regidas pelo mesmo *Odù*, o que não é amparado pelo ensinamento de *Ifá*, onde cada indivíduo tem o seu próprio *Odù*. Essa forma, utilizada por

muitos, não tem fundamento em *Ifá* e está no meu modo ver relacionado com numerologia.

Erick Wolff – Quais as formas de chegar ao *Odù*, e para que deve-se saber o *Odù*?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - No culto de *Ifá*, sempre que algum evento importante ocorre, por exemplo, uma iniciação, um assentamento de *Òrìṣà*, ou uma cerimônia mais profunda, é importante solicitar um *Odù* através da consulta ao Oráculo com objetivo que receber orientações a respeito deste procedimento específico. Estes *Odù* são considerados transitórios ou temporários, ou seja, eles trazem uma influência temporária àquele evento. Um exemplo é quando o indivíduo recebe um assentamento de um *Òrìṣà*. Será obtido um *Odù* que irá trazer esclarecimentos sobre como tirar um proveito positivo desse evento. Normalmente, quando o assentamento fizer “aniversário”, ele deverá ser alimentado novamente e um novo *Odù* será sacado para trazer novas orientações. Isso é chamado de *Odù* transitório.

Já em um contexto pessoal, existem dois atos importantes na vida do indivíduo, um deles é a obtenção do *Odù* de nascimento, que ocorre nos primeiros dias de vida, com uma cerimônia de nomeação chamada *Esèntáiyé* (durante essa cerimônia diversos atos são realizados para o recém-nascido, em uma comparação simplista é um ritual de batismo). Como já foi explicado o *Odù* de nascimento tem a função de orientar o início da jornada. Outro *Odù* muito importante é conhecido como *Odù* pessoal, ele tem a função de trazer à tona informações e orientações a respeito do destino pessoal. Segundo *Ifá*, ele é revelado durante a cerimônia de iniciação em *Ifá*. Essa iniciação tem como objetivo principal alinhar o Homem com seu destino pessoal e revelar ou esclarecer o acordo feito na presença de *Òrúnmìlà* (divindade responsável por registrar a Criação, conhecida como testemunha do destino) durante a escolha do *Ìpòrí-Odù* (é o destino abstrato balizador da próxima reencarnação) na casa de *Àjàlá-mòpín* (Divindade responsável por construir os destinos abstratos).

Erick Wolff – Qual a realidade do culto de Ifá no Brasil?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - Durante o processo de assimilação da cultura da *Yorùbá* no Brasil, que ocorreu principalmente no período da escravidão, muitos aspectos originais foram perdidos; a adaptação do culto no Brasil gerou novos modelos religiosos que hoje são muito conhecidos e praticados. Se por um lado essa adaptação foi muito importante e positiva, por outro acabou apagando certos procedimentos que são importantes. Dentro desse contexto o Sistema *Ifá* acabou não ganhando força e caiu no esquecimento. Nas últimas décadas tem ocorrido novamente o intercâmbio de religiosos entre o Brasil e a África com objetivo de resgatar tais aspectos que foram perdidos ou modificados e com isso tivemos novamente o contato com *Ifá*. Além disso, a presença de sacerdotes de origem Cubana, praticantes de uma variação ou adaptação do *Ifá* Nigeriano tem chamado a atenção dos Brasileiros e atraindo adeptos ao culto. Existe, como em tudo que é relacionado ao culto de origem Afro, muita polêmica em torno do *Ifá*, principalmente, entre os adeptos de origem afro-cubana e de origem Tradicional (*Ifá* praticado pelos *Yorùbá*). No meu entender, essa divergência de conceitos ou práticas é muito positiva, pois incentiva o estudo e a pesquisa, mas também pode trazer muito atraso se for concentrada em invalidar o que cada origem pratica. *Ifá* é um sistema amplo e não limitante. Não existe uma forma correta ou única de culto; respeitar as diferenças é uma prática de *Ifá*. Temos que entender que os valores culturais e sociais da Nigéria são muito diferentes daqueles encontrados no Brasil, sendo assim, é fato que a liturgia e filosofia do *Ifá* tradicional precisarão ser adaptadas à nossa realidade. O *Ifá* praticado em Cuba foi adaptado durante todos esses anos, dessa forma o *Ifá* que está se fixando no Brasil também está se adaptando. Tomar para si a posse do verdadeiro *Ifá* é no mínimo um ato de soberba e é contrária a todo o ensinamento de *Ifá*.

Erick Wolff – Ifá e as religiões de matriz africana podem conviver pacificamente?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - Esse é sonho de todo sacerdote sério que pratica *Ifá*. É perfeitamente possível que ambos os sistemas convivam pacificamente e principalmente compartilhem atividades que cada sistema possui em especial. Por exemplo, o culto de *Ifá* é especializado na divinação voltada para a orientação do destino pessoal, neste quesito eu o considero muito eficiente, por outro lado, o culto de matriz africana desenvolvido no Brasil tem potencial habilidade para o trato com os *Òrìṣà* em especial com a questão do *Olorí* (Divindade responsável por proteger o indivíduo). Se ambas as práticas fossem tratadas dentro de cada culto em uma união entre casas de *Ifá* e *Òrìṣà* creio que todos teriam muito a ganhar.

Erick Wolff – Como faria esta interação entre as religiões, sem sufocar ou castrar a sua cultura e os seus costumes?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - Para criar essa interação basta organizar cada “coisa em seu lugar”, ou seja, as casas de *Ifá* receberiam a função de apoiar as casas de *Òrìṣà* a fim de cuidar do aspecto do destino pessoal. E as casas de *Òrìṣà* seriam responsáveis em cuidar do caminho *Òrìṣà* de cada pessoa, eu creio que essa união seria o ideal para a realidade Brasileira.

Erick Wolff – Poderíamos falar sobre o destino pessoal, no culto *Òrìṣà*, não há suporte e condições para trabalhar o mesmo?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - O destino pessoal segundo *Ifá*, é escolhido pelo indivíduo antes do início de uma nova reencarnação. Esse destino é balizador e não é determinante, ou seja, ele pode ser melhorado ou piorado de acordo com as ações tomadas pelo indivíduo. Durante o processo de gestação e nascimento de uma pessoa, o conteúdo desse destino é esquecido, neste aspecto é que a divinação é importante, pois orienta o caminho a fim de se manter fiel a este acordo feito antes do reencarne. Aqui o *Ifá* é muito eficiente. Eu acredito que seja totalmente possível trabalhar o destino pessoal dentro do culto de *Òrìṣà*, pois outros

métodos de divinação podem amparar isso. Contudo, o conhecimento de qual destino foi escolhido pelo indivíduo só é conhecido por *Òrúnmilà* (testemunha do Destino) e por *Ajàlá-Mòpín*, sendo assim, eu diria que seria mais seguro que essa orientação viesse através de uma iniciação em *Ifá*.

Erick Wolff – Mas neste caso, o *Borí* faria este papel dentro do culto à *òriṣà*, porém sem a ciência de *Ifá*. Correto?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Eu entendo que o *Borí* seja um procedimento que potencializa a essência pessoal e promova o equilíbrio. Mas daí a se saber qual foi o destino escolhido, creio que precisaria de fato da orientação oracular. Se essa orientação é obtida por *Ifá* ou outro sistema é uma questão da disponibilidade. Em outras palavras, até poucos anos ninguém tinha acesso ao *Odù* pessoal, pois o culto de *Ifá* não estava presente no Brasil e isso não impediu que o culto de *Òriṣà* florescesse. Em contrapartida, como hoje existe essa possibilidade, eu entendo que o ideal seria unir esses recursos.

Erick Wolff – O que é *Orí*, qual o conceito de *Orí* entre os *Yorùbá* e qual o conceito dele dentro do culto Afro-brasileiro, e fale sobre o *Borí*?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo – *Orí* é tudo que representa o indivíduo, incluindo o destino pessoal. No culto Afro-Brasileiro ele, às vezes, é confundido como o *Òriṣà* pessoal, conceito que precisa ser revisto. O ritual do *Borí* visa potencializar as características pessoais.

Erick Wolff – Há necessidade de um sacerdote de *Òriṣà* se iniciar em *Ifá*?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Eu diria que seria muito bom para qualquer indivíduo passar pela primeira iniciação em *Ifá*. Essa iniciação revela o *Odù* pessoal e com essa informação é possível obter uma orientação mais precisa acerca da vida pessoal e espiritual. E isso em nada prejudica ou invalida qualquer outra iniciação que a pessoa tenha passado.

Erick Wolff – Esta iniciação é independente do indivíduo ser rodante ou não? E há necessidade de manutenção ou vínculo com o iniciador?

Awo Ifádámiláre Agbole Obemo - A iniciação em *Ifá* é indicada para todos, independentemente do tipo de mediunidade. Sim; é importante que se dê continuidade e que o Iniciado tenha acesso à filosofia de *Ifá*.

Erick Wolff – Então uma vez iniciado em *Ifá*, o indivíduo terá compromisso, o que envolve aprendizado e dedicação tal qual *Òrìṣà*?

Awo Ifádámiláre Agbole Obemo - Com certeza, o ponto fundamental da iniciação em *Ifá* é aprender e se desenvolver.

Erick Wolff – A partir desta iniciação e do *Odù* pessoal, o indivíduo tem acesso a que? Qual diferença faz para ele saber ou não?

Awo Ifádámiláre Agbole Obemo - Eu sempre digo que a iniciação é um processo que começa com os rituais e que não termina nunca. Nós temos que nos iniciar todos os dias, ou seja, é um processo mais interno do que externo. Conhecer o *Odù* pessoal permite à pessoa entender melhor o seu interior, é com este objetivo que é exposto o *Odù*. Ele vai trazer orientações importantes para que o indivíduo oriente melhor suas atitudes. Essa é a diferença. Segundo *Ifá* manter o alinhamento com o destino pessoal garante o aumento do potencial humano, então conhecê-lo ajuda neste desenvolvimento.

Erick Wolff – Mas então para que iniciar em *Òrìṣà*, não seria lógico *Ifá* dar este controle e ao mesmo tempo completar-se?

Awo Ifádámiláre Agbole Obemo - Porque precisamos de ambos os recursos para conseguir o alinhamento, segundo *Ifá*, manter-se em equilíbrio com as forças da natureza provoca o alinhamento da consciência interior com a consciência exterior, ou seja, faz com que o homem

faça a ligação com a essência original, e os *Òrìṣà* são os mecanismos para este processo. Iniciar-se no culto de *Òrìṣà* recria a ligação com nossa essência ancestral. Ou seja, tanto o culto de *Ifá* precisa dos *Òrìṣà* para impulsionar a evolução humana, quanto o culto de *Òrìṣà* precisa de *Ifá* para alinhar o destino. Eles são complementares, um não é melhor que o outro.

Erick Wolff – Há necessidade de um sacerdote de *Ifá* se iniciar em *Òrìṣà*?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - Se o sacerdote deseja seguir um culto de *Òrìṣà* Afro-brasileiro, eu diria que sim. Na minha visão, os cultos afro-brasileiros estão melhores adaptados a cuidar de *Òrìṣà* do que o que está vindo da África no momento. Ele já passou por todo o processo de aculturação que o *Ifá* está passando agora.

Erick Wolff – Qual diferença entre a iniciação no culto *Òrìṣà* tradicional africano e o tradicional Afro-brasileiro, para quem quer seguir *Ifá*?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - Como dissemos, *Ifá* é um ponto-de-vista, é um caminho filosófico. Nada impede de você seguir essa orientação e cultuar a Divindade através de outro modelo. Em outras palavras, você pode ser Umbandista e se iniciar em *Ifá*; um caminho não vai atrapalhar o outro, vai somar. Assim sendo, se um adepto deseja ter acesso ao *Ifá* e cultuar o *Òrìṣà* no formato Afro-brasileiro não há problema algum. Essa é uma questão de predisposição pessoal. Ambos os cultos de *Òrìṣà*, seja o tradicional ou o Afro-brasileiro são válidos.

Erick Wolff – Perfeita a colocação, porem, qual a diferença entre um e outro, sendo que vemos muitos adeptos de *Ifá*, que dizem que jamais se iniciaram no culto Afro-brasileiro, depois de ser iniciado em *Ifá*, e que consideram o culto Afro-brasileiro incompleto e inferior?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - *Ifá* ensina que não existe um modo correto de cultuar, que não existe o modo certo, existem formas e os modelos são diferentes justamente para conseguir

atender às expectativas de cada indivíduo. Portanto, a forma de culto Africana, Brasileira, Cubana, ou seja ela qual for, não é melhor, nem pior, são apenas diferentes. Essa afirmação que o culto brasileiro é inferior por parte de algum praticante de *Ifá* demonstra total falta de conhecimento da filosofia *Ifá*, já que respeitar as formas de expressão religiosas é parte de seus ensinamentos.

Erick Wolff – Ouvimos sempre dizer que não há *Òrìṣà* sem *Ifá* ou *Odù*, esta afirmação procede?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - No meu entender, não. Os *Òrìṣà*, enquanto forças da natureza, estão presentes no mundo físico/espiritual e podem ser acessados através de invocações específicas a eles, que nada tem a ver com *Odù*. Os *Odù* enquanto portadores da matéria original podem ser usados para invocar os *Òrìṣà* também, por exemplo, o *Odù Ogunda Meji*, é reconhecido como o *Odù* que dá vida a *Ògún* e podemos utilizá-lo para invocar a divindade. Mas, isso também é possível mediante outras práticas que não envolvem a utilização do *Odù* em si. Ou seja, da mesma forma que o acesso aos *Òrìṣà* está presente no culto de *Ifá*, acesso semelhante está presente no culto dos *Òrìṣà*. Importante esclarecer que seja qual for o culto, é necessária alguma forma de oráculo a fim de obter orientação da Divindade acerca dos processos rituais e pessoais que ocorrem no sistema religioso. Sem isso, não é possível, no meu entender, acessar os *Òrìṣà* de forma segura e eficiente.

Erick Wolff – Sabemos que existem religiões de matriz africana que não dependem de *Ifá* para sobreviver, então o que nos leva a pensar que não existiria *Òrìṣà* sem *Ifá*?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - O fato de uma religião não estar amparada no sistema *Ifá* não invalida a sua forma particular de culto, contudo, sem mecanismos de comunicação com a Divindade inviabilizariam o culto. Neste sentido se faz necessário um oráculo para a Divinação, se este é *Ifá* ou outro, não importa. *Ifá* nos ensina que a Divindade irá conversar com o homem

com qualquer tipo de mecanismo, desde que este seja coerente na sua prática.

Erick Wolff – Uma vez que o indivíduo seja um sacerdote de Ifá, ele possui capacidade e autonomia para praticar o culto e iniciar pessoas em Òrìṣà?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Se ele passou por todos os procedimentos iniciáticos necessários, sim. Dentro do Sistema *Ifá* há toda liturgia necessária para tanto.

Erick Wolff – Por que as cores marrom e verde representam Ifá?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Na realidade, isso não é um padrão. Existe uma grande gama de combinações possíveis dependendo da origem do sacerdote. Na minha Família, o verde está relacionado com o *Òrun* (plano espiritual) e o marrom com o *Ayé* (plano físico), em alusão à lenda da criação onde *Obàtálá* plantou a palmeira, que simbolicamente, liga o *Òrun* ao *Ayé*. Função esta desempenhada pelo Sacerdote de *Ifá*, ao executar sua função de adivinho.

Erick Wolff – No Òrìṣáismo afro-sul, Òrúnmilà é representado pela cor preto e branco, o que me diz?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Acredito que o simbolismo seja o mesmo. A ideia básica é a ligação entre os planos de existência.

Erick Wolff – Òrúnmilà pode ser cultuado na cabeça dos seres humanos como divindade?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo – *Òrúnmilà*, enquanto força espiritual, não é considerado um *Òrìṣà Olorí* (Divindade responsável por proteger o indivíduo). Ele é o profeta mítico responsável pela disseminação do culto de *Ifá* no plano físico. Segundo o *Babalawo Fa Lokun Fatunmbi* em seu livro “*Ìbà ‘se Òrìṣà – Ifá Proverbs, Folktales, Sacred History and Prayer*”: *Òrúnmilà* esteve encarnado por 7 vezes, duas delas pelo menos como *Yorùbá* e assim ele transferiu o conhecimento para dois sacerdotes míticos conhecidos como *Akódá* e *Asèdá*.

Poderíamos dizer que *Òrúnmilà* é um ancestral divinizado, mas ele não é feito em ninguém.

Erick Wolff – E *Ifá* pode manifestar na cabeça de algum indivíduo?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo - É importante esclarecer que *Ifá* não é uma divindade, é sim o nome do sistema religioso. A divindade responsável pelo culto é chamada de *Elà*. *Elà*, através de estados alterados de consciência orienta os sacerdotes de *Ifá*. Mas isso não chega a ser uma posse como ocorre com um *Òrìsà Olorí*. Esta afirmação vale para *Òrúnmilà* também, não há posse dele no culto de *Ifá*.

Erick Wolff – O desperdício, o que *Ifá* diz quando em determinado ritual há uma quantidade abusiva de animais para o sacrifício, é possível estipular um mínimo e um máximo de animais para o ritual?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo – Segundo *Ifá*, não é a quantidade de sangue que tem poder, mas a forma como você desperta o *àse* nele contido. Originalmente, nós devemos condicionar a quantidade de animais utilizados com a quantidade de pessoas que vão consumi-los. *Ifá* e *Òrìsà* abominam desperdícios, mesmo porque, vidas serão ceifadas, temos que lembrar que tudo que é vivo possui consciência.

Erick Wolff – O *Igbá-Òrìsà* vemos que há muita divergência entre o material usado, a forma que é montado e até mesmo o conceito do *Igbá-Òrìsà*, existe algo ou alguma fórmula para que o *Igbá-Òrìsà* seja considerado verdadeiro?

Awo Ifádámíláre Agbole Obemo – Existe um ditado simplista que diz o seguinte: “se você começar a rezar para uma Divindade dentro de um copo cheio de água, logo você obterá resposta”. Claro que não devemos seguir isso ao pé da letra, mas a forma como se assenta uma Divindade deve seguir a tradição ao qual ela está enraizada. Podemos realizar tal ritual de várias maneiras, mas o básico para que o *Igbá* seja válido é conter elementos que tenham ligação com

a Divindade em questão, um exemplo bem simples: basta um pedaço de ferro para invocar *Ògún*.

Erick Wolff – Èṣù pode ficar ao lado do *Igbá-òrìṣà*⁶⁹ dentro do *Yara-òrìṣà*⁷⁰?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo – No meu ver, depende, entre suas múltiplas funções a mais importante é de guardião, por isso, em *Ifá*, é costume colocar seu *Igbá* do lado de fora, contudo dependendo do caminho que ele foi assentamento (função específica invocada durante o assentamento) pode-se sim deixá-lo dentro ou mesmo ao lado do *Igbá* de *Òrìṣà*.

Erick Wolff – No Brasil há muitos mitos e conceitos sobre feituas de *Olorí*⁷¹, no caso de *Obá*, *Otim*, *Naná* e *Òsùn*, são divindades que jamais pegariam cabeça de homens?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo – Tudo depende da maneira que você interpreta a natureza dos *Òrìṣà*, eu não os entendo como tendo sexualidade e sim polaridade, apesar de respeitar os mitos e entender que seus ensinamentos sejam válidos, não compartilho dessa ideia.

Erick Wolff – Há casos em que um determinado *Òrìṣà* exige feitura porem por qualquer outro motivo não seja possível a feitura daquela divindade naquele indivíduo, quais seriam os casos e qual seria o caminho?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo – *Ifá* ensina que “se você não puder dar um cabrito para a Divindade dê apenas alguns pelos”, isso significa que se uma pessoa não tem condições de realizar a feitura ela pode ser contornada com outros rituais mais simples. Contudo, se essa necessidade visa resolver algum problema sério é indicado que seja feito o possível para realizar tal cerimônia.

⁶⁹ *Igbá-òrìṣà* – Cabaça ou recipiente acomoda a divindade, podendo conter adornos e ferramentas.

⁷⁰ *Yara-òrìṣà* – Quarto que abriga as divindades.

⁷¹ *Olorí* – Divindades cultuadas no *ori* dos seres humanos.

Erick Wolff – A iniciação de *Olorí* feminino no *Orí* de homem pode mudar a sua orientação sexual?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo – De maneira alguma. A sexualidade é um aspecto definido por outros fatores, como polaridade da energia, a Divindade jamais iria alterar essa energia, mesmo porque, isso está em realidade com a individualidade do homem.

Erick Wolff – O tabu da homossexualidade, qual o motivo desta interdição?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - O assunto da homossexualidade em si mesmo já é bastante polêmico; e diversas religiões possuem algum nível de impedimento para os adeptos que mantenham tal orientação. Atualmente, observamos verdadeiras guerras filosóficas em torno disso, tentando invalidar ou validar tal comportamento, isso tem sido observado também dentro do culto de *Ifá*. Realmente o tabu existe, mas ele não é uniforme, algumas famílias aceitam a iniciações de homossexuais e outras não. O objetivo principal do culto de *Ifá* é orientar o homem no caminho da construção do “bom caráter”, ou seja, melhorar e aperfeiçoar os sentimentos e atitudes. Mas classificar o que são atitudes certas ou erradas aos olhos de *Ifá* é uma tarefa difícil. Por exemplo, na África é comum que um homem possa ter mais de uma esposa, já aqui no Brasil isso é visto como uma conduta imprópria. Ou seja, as ações erradas ou certas dependem de um ponto-de-vista. *Ifá* ensina que tudo aquilo que o homem faça e não lhe prejudique pessoalmente, nem ao meio ambiente e nem aos seus semelhantes é considerado uma prática de bom caráter. Sendo assim, se um indivíduo tem orientação homossexual e essa prática não lhe causa nenhum dano emocional ou físico e nem prejudica seus semelhantes, ele está dentro da orientação de boa conduta. Assim, porque *Ifá* iria excluí-lo do sistema religioso? Não faz sentido.

A questão de uma pessoa poder ou não ascender ao cargo de sacerdote de *Ifá*, está relacionado

com o seu destino pessoal e com sua conduta ética e não com a sua orientação sexual. De nada adianta ser heterossexual e ter um comportamento promiscuo.

Em resumo, não há impedimento algum, quem decide se a pessoa tem necessidade ou não de iniciação é a Divindade e não o sacerdote, na minha Casa eu recebo bem qualquer pessoa que esteja disposta a melhorar e evoluir.

Erick Wolff – Òrìṣà pode discriminar e abandonar o indivíduo por ser um homossexual?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Òrìṣà não tem esse tipo de sentimento ou atitude e Ele não abandona ninguém, independente de qualquer situação. Muitas pessoas querem interpretar ou entender os Òrìṣà como se Eles fossem humanos, precisamos lembrar que Eles são forças espirituais e não compartilham das nossas imperfeições.

Erick Wolff – Mas podem julgar e possuem personalidade, ou não?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - Os Òrìṣà possuem personalidade, mas não cabe a eles julgarem ninguém, essa é uma função do próprio *Orí*. *Ifá* ensina que o julgamento é realizado por nós mesmos.

Erick Wolff – Então quer dizer que o Òrìṣà serve *Orí* e não o contrário como dizem?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - A função dos Òrìṣà é apoiar ao Homem e não o contrário.

Erick Wolff – Atualmente temos ouvido muitos debates sobre a adequação de gênero, o que *Ifá* diz sobre isso, é possível neste caso o Òrìṣà não identificar mais o indivíduo ao qual foi iniciado, após a adequação de gênero?

Awo Ifádámílàre Agbole Obemo - É um absurdo pensar ou dizer isso. Se for assim então caso a pessoa sofra um acidente e tenha algum membro amputado o Òrìṣà também deveria se afastar

ou ainda se uma pessoa faz uma cirurgia estética para melhorar ou corrigir algum fator físico criaria problemas com os *Òrìṣà*. Nada disso tem base dentro da visão *Ifá* sobre a essência dos *Òrìṣà*.

Erick Wolff – Quais as motivações e mudanças que os adeptos de *Ifá* precisam para que *Ifá* possa prosperar?

Awo Ifádámílàrè Agbole Obemo - Todo o Sistema *Ifá* é voltado para o desenvolvimento humano. Seu objetivo principal é dar ao homem condições de evoluir, a fim de manter o seu alinhamento com o destino pessoal e com isso proporcionar a construção de pessoas melhores em todos os sentidos. Essa não é uma tarefa fácil, já que vivemos em constante conflito com o meio que nos cerca, e a chave para conseguir essa conexão é manter-se em harmonia com as forças da natureza, em outras palavras, com os *Òrìṣà*. A resposta do universo para aqueles que conseguem o alinhamento com o destino são as bênçãos de vida longa, saúde, paz, descendência e prosperidade, os pilares que dão ao homem suporte para a vida terrena.

Erick Wolff – *Ifá* pode mudar tudo?

Awo Ifádámílàrè Agbole Obemo - Não diria que *Ifá* pode mudar tudo, eu diria que *Ifá* mostra o caminho para a que o indivíduo mude tudo. O ensinamento de *Ifá* está baseado na mudança interior, das emoções e no equilíbrio entre razão e emoção. Os rituais de passagem (iniciações), *ẹbo* (rituais de propiciação), *borí* (rituais de equilíbrio) e outros, são ferramentas que auxiliam na busca deste equilíbrio. *Ifá* ensina que é possível mudar a realidade física se você mudar a realidade interior, ou seja, construa o bom caráter, mantenha o alinhamento com o seu Destino, fique em harmonia com seu *Òrìṣà* e obterá tudo que está acessível aos limites do seu *Orí*.

Erick Wolff – Qual momento que você pode narrar que traduz a beleza de *Ifá*?

Awo Ifádámílàrè Agbole Obemo - A cada passo que eu dou em direção à compreensão dos

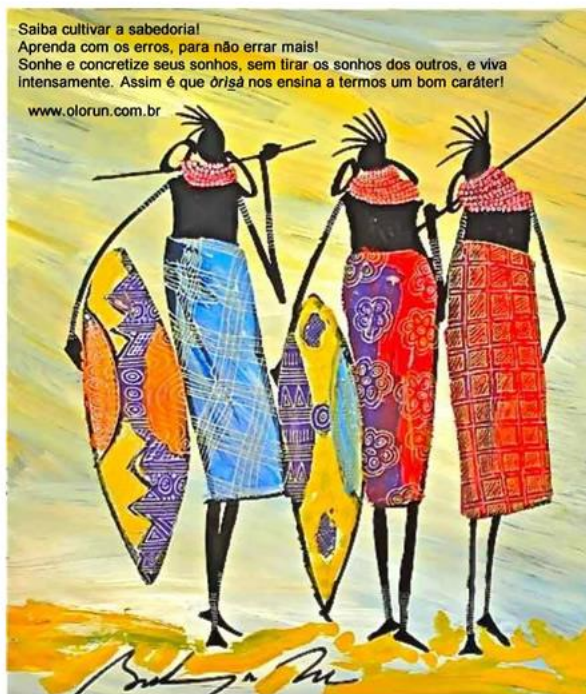
ensinamentos de *Ifá* mais eu me apaixono por sua filosofia. O impulso que essa percepção nos dá para o autoconhecimento é muito empolgante. Esse ponto principal do culto de *Ifá* nos dá a condição de perceber dentro das nossas limitações o quanto a Divindade é incrível e isso enche o nosso espírito de esperança, pois apoia a nossa fé em um futuro melhor, tanto para a questão individual quanto para a questão global, eu creio que esta seja a beleza do *Ifá*.

CRÉDITOS

Saiba mais sobre *Awo Ifádámiláre Agbole Obemo*;

Ricardo Sérgio Pulini, tem 38 anos, nasceu numa família Espirita, por isso, desde de muito cedo teve contato com a espiritualidade, contudo foi levado a buscar caminhos existenciais e uma cultura que o desse o devido suporte. Em 1995 foi iniciado na Umbanda e com o tempo fundou o templo de Umbanda Mensageiros de Oxalá, situado na cidade de Barra Bonita, interior de São Paulo. No ano de 2004 teve seu primeiro contato com *Ifá*, tendo a sua primeira iniciação em 2007 com os *Bâbálawo Salawu Adisa Arogundale Ifakunle e Bâbálawo Ogunjimi Ifaronmu Aderonmu*. Começando então a sua jornada espiritual até chegar a iniciação sacerdotal, que ocorreu no ano de 2013, onde recebeu o nome iniciático de *Ifádámiláre*, que significa “*Ifá* transforma as coisas ruins em boas”.

Imagens – Fonte imagens ignorada; à saber



ORÍ – O CONCEITO YORÙBÁ DE PESSOA.

Awo Ifádámíláre
Sacerdote de *Ifá*

Setembro/2013

RESUMO

O objetivo deste artigo é consolidar e esclarecer o leitor a respeito da concepção *Yorùbá* de pessoa, detalhando cada componente a fim desfazer conceitos mal interpretados que povoam a tradição de *Ifá*⁷² e *Òrìṣà*⁷³.

INTRODUÇÃO

Existem muitos textos e artigos sobre o conceito de *Orí*⁷⁴ disponíveis para leitura e, infelizmente, este assunto ainda gera muitas dúvidas entre os praticantes do culto a *Ifá / Òrìṣà*. Por isso resolvi reunir neste artigo informações importantes que vão ajudar o leitor a entender o *Conceito Yorùbá de Pessoa*. Tais informações estão amparadas pelos ensinamentos de *Ifá* e, principalmente, em dados obtidos através do escritor e pesquisador Luiz L. Marins⁷⁵.

⁷² *Ifá* é uma filosofia de vida centrada na observação da atividade das forças espirituais que sustentam o universo. Este sistema religioso é de origem *Yorùbá*.

⁷³ *Òrìṣà* são divindades cultuadas entre os *Yorùbá*.

⁷⁴ *Ori* – Cabeça, porém pode estar se referindo a tudo que envolve o ser humano no espiritual.

⁷⁵ Luiz L. Marins é autor do livro *Qbátálá e a Criação do Mundo Iorubá, 2013*; e do artigo *Èṣù Òta Òrìṣà*, publicado no livro *Dos Yorùbá ao Candomblé Kêtu*, 2010. Mantém ainda o portal *Cultura Yorùbá* <<http://culturayoruba.wordpress.com>>

O QUE É *ORÍ*

Segundo a visão de *Ifá*, o universo é dividido em dois planos de existência: o visível conhecido por *Ayé* e o invisível conhecido por *Òrun*⁷⁶. Tudo o que existe no *Ayé*⁷⁷ foi primeiramente planejado no *Òrun*. Este conceito é aplicável para toda a Criação. Contudo, sabemos que o funcionamento do *Ayé* também influencia o que ocorre no *Òrun*, ou seja, as ações tomadas pelos seres vivos e pelas forças da natureza podem causar alterações nos “planos” que estão em execução no *Òrun*. Este é o conceito de *Unidade*, que em *Ifá*, explica que tudo está inter-relacionado, ou seja, tudo e todos estão em constante mudança e essa constante mudança influencia o movimento do Universo como um todo.



⁷⁶ *Òrun* – mundo espiritual

⁷⁷ *Ayé* – Mundo físico

Analisando esse conceito é possível entender que mesmo existindo a separação dos planos de existência, eles sempre interagem entre si. Dessa forma a separação é muito sutil e temos na realidade uma coexistência. No corpo literário de *Ifá* encontramos diversos relatos onde os *Imortais* viajam do *Ayé* para o *Òrun* a fim de buscar a solução para algum problema ou dificuldade, isso demonstra claramente que a realidade física está sendo moldada pela sua existência no *Òrun*. Portanto, a existência de tudo o que é vivo ocorre com a influência da dinâmica entre *Òrun* e *Ayé*.

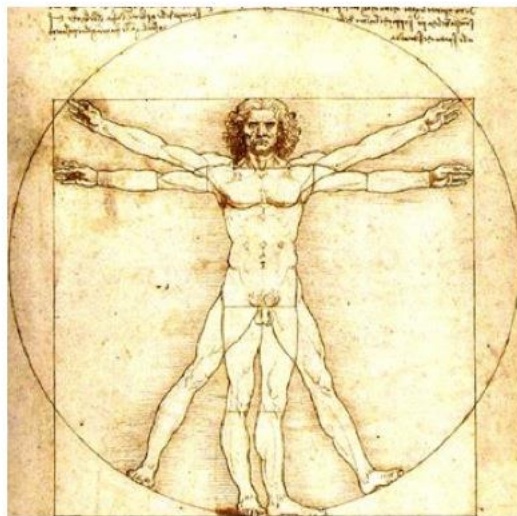
A existência humana por sua vez não poderia fugir a este conceito. Vamos explorar os elementos que formam a unidade da Pessoa, ou ainda, do “*Orí*”.

Segundo *Ifá*, *Olódùmarè*⁷⁸ delegou para *Obàtálá*⁷⁹ a função de projetar e construir o corpo humano, sendo assim, ele dispôs todas as funções vitais, estruturas espirituais e físicas que sustentam a vida humana. Nesta importante função *Obàtálá* constrói o corpo no *Òrun* e este ainda sem a vida. É importante frisar aqui que o corpo feito por *Obàtálá* é completo, incluindo

⁷⁸ *Olódùmarè* – A principal divindade dos *Yorùbá*, aquele que criou o *Òrun* e os seres que habitam o *Òrun*.

⁷⁹ *Obàtálá* – A divindade mais importante e conhecida entre os *Yorùbá*.

nele a cabeça; na diáspora afro-brasileira em determinado momento, criou-se um falso conceito de que Obàtálá criaria os corpos sem cabeça.



A palavra para corpo em *Yorùbá* é *Ara*. Eu entendo que o *Ara* incluía todos os órgãos, membros, cabeça, enfim, todos os elementos existentes no corpo. *Ọ̀bàtálá* molda constantemente novos corpos espirituais, que são conhecidos como *Ara-Ọ̀run* (em uma tradução bem literal corpos do além).



A função de criar a vida eterna é uma atribuição exclusiva de *Olódùmarè*. Ele recebe os *Ara-Òrun* ainda sem a vida e “insufla” neles a centelha Divina ou *èmi* (espírito eterno). O *èmi* garante-nos a imortalidade e mantém conexão com a Essência da Divindade. É o *èmi* que suporta nossa vida espiritual/física. Nele ficam armazenadas todas as lembranças e experiências, este registro é conhecido como memória eterna ou *iyè-èmi*.

Tão logo *Olódùmarè* crie o *èmi* e ele já tenha o *Ara-Òrun*, chegou à hora do indivíduo ir para o *ayé* pela primeira vez ou (se for o caso) cumprir o ciclo de *àtúnwá* (reencarnar-se). Seja qual for o caso, ele precisa escolher um Destino (*Orí -Odù* ou *Ìpòrí-Odù*)⁸⁰ na casa de *Àjàlá-Mòpí*. Após essa escolha, o indivíduo se dirige à fronteira entre o *Òrun* e o *Ayé* para iniciar o novo ciclo; neste processo o *Ara-Òrun* modifica sua forma anterior e volta ao estágio fetal, impulsionando a formação de um novo *Ara-Ayé* (corpo físico). A criação do corpo físico no *Ayé* também está a cargo de *Òbàtálá* porque seu trabalho da criação ocorre nos dois níveis de existência: *Òrun/Ayé*. Conforme o mito da criação foi Ele quem criou os primeiros seres humanos no *Ayé*.

⁸⁰ *Orí-Odù* ou *Ìpòrí-Odù* são elementos abstratos criados pela divindade conhecida como *Àjàlá-Mòpí*. Ele molda constantemente novos destinos abstratos, ou seja, conjunto de eventos, qualidades, habilidades que servirão como base para a nova jornada. Eles são simbolizados pelo símbolo religioso da cabaça, o conteúdo do destino só é conhecido por *Àjàlá-Mòpí* e por *Òrunmilá*, portanto ele pode ser revelado por divinação.

Durante esse processo o Indivíduo ganha uma nova memória existencial, a *iyè-àpò*⁸¹, esquecendo assim todas as suas experiências anteriores e desenvolvendo uma nova personalidade e consciência, conhecida como *Okàn*. A palavra *Okàn* quer dizer coração ou sentimentos, mas vamos entendê-la como Espírito. O *èmi* que anteriormente estava no *Òrun* desliga a memória eterna (*iyè-èmi*) e ativa a memória *iyè-àpò* ou memória existencial.

Iyè-àpò e *iyè-èmi* são uma só, a diferença é que a *iyè-èmi* quando está no *Òrun* tem uma percepção geral de todas as suas vidas terrenas (*iyè-àpò*) e quando está no *Ayé*, tem consciência apenas de sua existência temporal, o *iyè-àpò*. Resumindo: *Iyè-àpò* está para o *Ara-Ayé*, enquanto o *iyè-èmi* está para o *Ara-Òrun*, mas ambas são uma só coisa em estágios diferentes de vida.

Durante o processo que permite o nascimento de uma nova individualidade o *Ara-Òrun* faz a viagem para o *Ayé*. O corpo físico é gerado e ocorre o nascimento. Neste ponto o *èmi* agora chamado de *enikeji* esta vivenciando a existência terrena, através do conceito de duplo,

⁸¹ A *iyè-àpò* é a memória de cada existência e ao iniciar uma nova vida no *Ayé*, recebemos uma nova *iyè-àpò* totalmente nova e então tudo o que ocorre na vida é registrado nela. Quando esse ciclo termina, o registro é somado à memória eterna (*iyè-èmi*), entretanto, são o mesmo elemento apenas vivendo momentos diferentes.

coexistindo com o corpo físico.

O *enikéji* que também pode ser chamado *báara* (aquele que acompanha o corpo, expressão coloquial referente à própria pessoa, não tem nada a ver com *Èsù*), executa todos os atos que o *Ara-Ayé* executa. A individualização do *enikéji* ocorre na palavra *Okàn* (espírito) que é a personalidade do *Ara-Ayé*, com suas virtudes, defeitos e idiosincrasias. Como a existência ocorre nos dois planos, *Okàn* pode, eventualmente, fazer visitas ao *Òrun* ou a outros lugares do *Ayé* sem se desconectar do *Ara-Ayé*; esse conceito é também conhecido como viagem-astral. Sabemos que durante o sono essas viagens às regiões do *Òrun* ocorrem e, em determinadas ocasiões, temos as lembranças de tais experiências. Contudo esse tipo de ação só acontece em momentos que o estado de consciência está alterado. Pois o *Ara-Ayé* não vive sem o *enikéji*. É importante esclarecer que o Duplo (*enikéji*) não é outra consciência quando aplicado ao conceito de Pessoa.

Ifá ensina que uma das chaves para o sucesso de uma vivência no *Ayé* é manter o alinhamento com o destino pessoal escolhido na casa de *Àjàlá-Mòpt*. Além da escolha do destino existe também o acordo pré-estabelecido com a Divindade com o objetivo de impulsionar a evolução

do Indivíduo. Contudo esse registro é esquecido durante o processo de gestação. A informação que está contida no *Ìpin-Odù*, está conectada ao nosso *iyè-èmi*, mas manifesta-se no *Ayé* através de nosso *iyè-àpò*, isto é, adquirimos orí-destino no *Òrun*, enquanto *Ara-Òrun*, mas o realizamos no *Ayé*, enquanto *Ara-Ayé*. A divinação em conjunto com processos de autodescoberta pode revelar ou orientar o Indivíduo a fim de que ele consiga manter o alinhamento com seus objetivos.

Todos os conceitos acima explicados relatam as partes do Indivíduo, porém é importante deixar claro que eles não são componentes separados, não são almas múltiplas, como querem alguns conceituados autores, e sim um conjunto que forma então o conceito de *Orí*. Segundo Luiz L. Marins, “o conceito de almas múltiplas é uma infelicidade acadêmica”.

A tradução da palavra *Orí* é cabeça, contudo os Yorùbá convencionaram que a palavra simboliza tudo que está acima. Ou seja, *Orí* é muito mais do que simplesmente cabeça física, *Orí* é tudo o que é superior, tudo que compõe a pessoa: *Ara-Òrun* (*corpo espiritual*), *èmi* (*espírito eterno*), *iyè-èmi* (*memória eterna*), *Ipòri-Odú* (*destino abstrato*), *Qkàn* (*individualidade*), *enikéji* (*duplo*), *iyè-àpò* (*memória existencial*).

CONCLUSÃO

Infelizmente, como este conceito é muito complexo ele gerou diversas interpretações incoerentes e ele ainda será motivo de muita pesquisa e estudo e ele é, sem dúvida, a chave para o progresso Humano. O culto ao *Orí* é o mais importante dentro da nossa disciplina religiosa. É por isso que o ritual de alimentar o *Orí* (*borí*) é visto como mais importante do que os rituais para as outras divindades. Alimentar o *Orí* é fortalecer e equilibrar o elemento pessoal, que leva ao alinhamento com o Destino e esta é chave para receber as bênçãos. O conceito que diz que o *borí* é destinado ao *Òriṣà* pessoal do Indivíduo ou ainda confeccionado à *Obàtálá* e *Yemoja*, não é real. O ato do *borí* é um ritual ao *Orí*, neste caso considera-se o conceito acima demonstrado, que detalha a noção de Pessoa, empregado no *Orí*, ou seja, não estamos falando apenas da cabeça física e sim de tudo que representa o indivíduo. Não podemos afirmar onde e como começou esta confusão que envolve o significado da palavra *Orí*. Sabemos que existe um grande equívoco e que ele não possui relação alguma com o fundamento *Orí Yorùbá*. Em *Yorùbá* uma palavra muda de sentido conforme o contexto e precisamos ter muito cuidado quando empregamos o conceito de *Orí*. É verdade que a palavra em *Yorùbá* para cabeça é *Orí*,

mas não no conceito de Pessoa. Quando falamos em alimentar o *Orí*, não estamos falando em alimentar a cabeça física e sim o conceito abstrato de *Orí*, que engloba muito mais que a cabeça. O *Òrìṣà* pessoal não é proprietário e nem está adicionado ao *Orí* como muitos pensam, é o *Òrìṣà* quem serve o *Orí*. Contrariando o pensamento de muitos o *Òrìṣà* não é dono da cabeça física. Ele funciona como um protetor e orientador espiritual que auxilia a jornada do Indivíduo no *Ayé*. Certamente as oferendas direcionadas ao *Orí* não têm nenhuma relação com qualquer *Òrìṣà*.

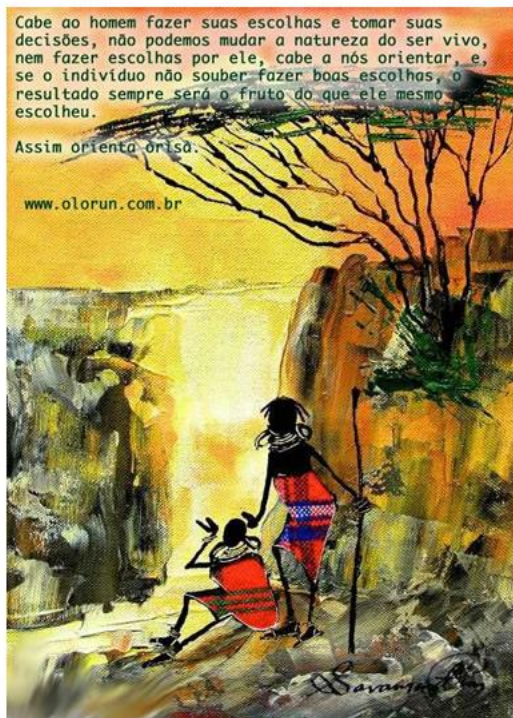
Ifá ensina também que manter o alinhamento com o Destino pessoal pode ser alcançado através de rituais de elevação (iniciações) e que neste ponto os *Òrìṣà* têm um papel importante, pois eles são o caminho para conectar a nossa consciência exterior com a interior, ou em outras palavras, fazer com que o *Okàn* mantenha o acordo que *emí* estabeleceu com a Divindade.

CRÉDITOS

Saiba mais sobre *Awo Ifádámiláre Agbole Obemo*;

Ricardo Sérgio Pulini, tem 38 anos, nasceu numa família Espírita, por isso, desde de muito cedo teve contato com a espiritualidade, contudo foi levado a buscar caminhos existenciais e uma cultura que o desse o devido suporte. Em 1995 foi iniciado na Umbanda e com o tempo fundou o templo de Umbanda Mensageiros de Oxalá, situado na cidade de Barra Bonita, interior de São Paulo. No ano de 2004 teve seu primeiro contato com *Ifá*, tendo a sua primeira iniciação em 2007 com os *Bàbálawo Salawu Adisa Arogundale Ifakunle e Bàbálawo Ogunjimi Ifaronmu Aderonmu*. Começando então a sua jornada espiritual até chegar a iniciação sacerdotal, que ocorreu no ano de 2013, onde recebeu o nome iniciático de *Ifádámiláre*, que significa “*Ifá* transforma as coisas ruins em boas”.

Imagens – Fonte imagens ignorada; à saber



A SOBREVIVÊNCIA DO MITO DE OBÁ NO BATUQUE DO R.S.

Luiz L. Marins
CULTURA *YORÛBÁ*
<http://culturayoruba.wordpress.com>
20/09/2013

RESUMO

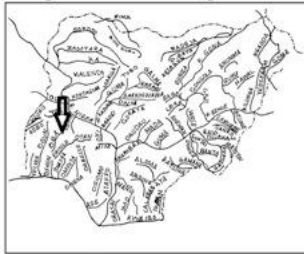
Este texto trata do mito da deusa do rio Obá, a Orixá Obá, disperso entre as diásporas de África, Cuba e Rio Grande do Sul, partes de um mesmo mito que se complementam e que sobreviveram divididos entre a África, a *Regla em Osha* de Cuba, e o Batuque do Rio Grande do Sul, no Brasil. O texto conclui com a reconstrução do mito a partir das partes dispersas nas três fontes citadas, formando um corpo único, de forma a preservar a sacralidade mitológica do Orixá Obá.

Palavras chaves: Orixás, Batuque, Iorubá, *Regla de Osha*, Mitologias africanas.

INTRODUÇÃO

Os negros trouxeram para as Américas, em sua memória, a mitologia de suas divindades. Com base nesta mitologia aqui recontada, e em torno dela, que se formaram as religiões afro-americanas. Muitas etnias aqui aportaram, e diversos foram os segmentos religiosos, puros ou mesclados, que aqui deram origem. Neste trabalho trataremos particularmente da etnia e religião iorubá⁸².

Dentre as centenas de mitos já registrados na etnografia, o mito de Obá, orixá⁸³ iorubá feminino do rio Obá, é singular, pois possui uma parte na Religião Tradicional Iorubá, outra parte na *Regla de Osha* em Cuba, e seu complemento no Batuque, no Rio Grande do Sul⁸⁴.



Rios da Nigéria - fonte: internet

⁸² Os iorubas são um grupo étnico, cujo idioma é classificado como *Niger-Congo*, em sua maioria na Nigéria, com grupos em *Ghana* e Togo, África Ocidental. Somam aproximadamente vinte milhões, e estão espalhados em muitos países.

⁸³ Orixá é uma divindade iorubá.

⁸⁴ *Regla de Osha* e Batuque são religiões afro-americanas de matrizes africanas, sendo que a primeira é original de Cuba, e a segunda, do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

A CARACTERÍSTICA DO MITO SAGRADO

A mitologia iorubá, como qualquer outra etnia, possui mitos profanos e sagrados. Os mitos sagrados fazem parte dos signos divinatórios dos oráculos de *Ifá*⁸⁵ ou Orixá, chamados *odù*, e são transmitidos oralmente aos iniciados.

É imperativo na religião tradicional iorubá que o mito sagrado pertença a um dos signos divinatórios de um dos oráculos, podendo discorrer em prosa ou verso, e independentemente de sua extensão, protagonista, ou a qual oráculo esteja associado, precisará ter em seu corpo mitológico oito partes que o identificam como tal. São elas:

1. O nome do sacerdote que realizou o oráculo.
2. O nome do cliente.
3. A razão pela qual a divinação foi efetuada.
4. A orientação para o cliente.
5. Se ele seguiu ou não as orientações.
6. A narração do que aconteceu.
7. O relato das alegrias ou tristezas.
8. O final, como um resumo de fundo moral. [⁸⁶]

⁸⁵ Sistema de religião Iorubá, baseada no oráculo de *Ifá*, que possui 16 signos divinatórios principais, 240 secundários derivados dos primeiros, aos quais estão atrelados oralmente centenas de mitos, tendo patrono é a divindade Orúnmila, e cujo sacerdote é chamado babalaô.

⁸⁶ Luiz L. Marins, *Obátalá e a Criação do Mundo Iorubá*, p. 25, edição do autor, 2013.

Devido às circunstâncias sociais em que o negro foi inserido na sociedade das Américas, muitos mitos sagrados dos iorubas, ao serem aqui recontados, perderam estas características, ficando relegados à simples mitologia.

Ocorre que alguns mitos sobreviventes, mesmo que não contenha as oito partes citadas, ainda assim podem ser considerados mitos sagrados, pois carregam uma característica básica que os qualificam a tal.

Se um mito sobrevivente informa que houve uma consulta a um oráculo, uma receita de oferenda, se ela foi (ou não) realizada, se há um relato do desfecho, podemos qualifica-lo como mito sagrado, ainda que prejudicado.

AS FONTES ESPARSAS DO MITO

O mito de Obá que trataremos aqui é particularmente interessante. Como dissemos na introdução, ele está dividido em três partes: em África, coletado por Pierre Verger; em Cuba, coletado por Lydia Cabrera, e no Rio Grande do Sul, narrado pelo babalorixá João da Diamantina, nação jeje, bacia do Pai João de Bará. Se juntadas estas partes em um texto reconstruído, teremos um mito sagrado, não completo, mas teremos.

Etnograficamente, a primeira parte do mito não vem da África, mas de Cuba. Não que haja uma supremacia da segunda sobre a primeira, mas é que foi em Cuba que as letras registraram a informação de que houve uma consulta ao oráculo, e do cliente.

a) Primeira parte, em Cuba:

Publicado em 1974 por Lydia Cabrera⁸⁷, esta primeira parte traz as informações primárias sobre os Orixás Xangô e Obá, a indicação que houve uma consulta ao oráculo, o cliente, e as suas consequências:

Xangô, oriundo de Nupe, como diziam os antigos, foi de uma terra a outra, parar em Koso, onde se tornou rei, e reinou com Obá. Ali ele viu Oyá lavando-se em seu rio e se enamorou dela. Oyá tinha ciúmes de Obá, e Obá, de Oyá e de Oxum. Obá não sabia o que fazer para separa-lo de suas concubinas, pois suas prediletas eram as outras duas. Para contentar Xangô, Obá o presenteou com um cavalo branco. Xangô apreciou o presente e distraia-se muito com seu cavalo. Um dia, dele foi para a guerra e levou Oyá com ele, pois ela lutava muito bem.

Seis meses se passaram e Xangô não voltava. Obá desesperou-se e foi consultar Orúnmila. Ele disse-lhe para pendurar um rabo de cavalo no teto da sala, para atraí-lo. Obá encarregou Elegua de trazer-lhe um rabo de cavalo, mas Elegua, induzido por Oxum cortou o rabo do formoso cavalo de Xangô, e o levou a Obá.

Terminada a guerra, Xangô regressou para a casa de Obá, viu o rabo de seu cavalo balançando no teto, indignou-se muito, e afastou-se dela. [tradução nossa]

b) Segunda parte, em África:

⁸⁷ Lydia Cabrera, *Yemaya y Ochun*, Madri, Forma Gráfica, p. 79-81, 1974. Contra capa de Pierre Verger.

Coletado por Pierre Verger em Oxogbô, e publicado em 1957, em francês⁸⁸, e posteriormente em português, em 1997⁸⁹, e em 1998⁹⁰. Esta segunda parte apresenta a clássica história de traição de Oxum para com Obá, que a induziu a cortar uma das orelhas, e coloca-la em sua comida, para que Xangô se apaixonasse por ela:

Xangô tinha três mulheres, Oyá, Oxum e Obá. Oxum cozinhava muito bem para Xangô, e ele muito a amava. Certo dia, ela pregou uma peça em Obá, que sempre procurava surpreender os segredos culinários que asseguravam a Oxum o amor de Xangô, colocando um grande cogumelo achatado, em forma de orelha, na sopa destinada a Xangô, e ele extasiou-se com a excelência da refeição. Obá foi encontrar-se com Oxum, e a encontrou com um lenço amarrado na cabeça, que escondia suas orelhas. Obá perguntou-lhe o que fez para preparar um prato tão delicioso. Oxum respondeu que ela cortou as orelhas as colocou na sopa de Xangô. Obá, desejosa de obter as graças de Xangô, quando chegou sua vez de cozinhar, cortou uma das orelhas e colocou-a na sopa. Xangô, ao encontrar a orelha em seu prato, gritou: - Mas o que é isso? - Não posso comer uma coisa destas. Ficou enfurecido. Nesse momento, Oxum tirou o lenço da cabeça e mostrou a Obá suas duas orelhas intactas. Obá, furiosa, avançou para bater em Oxum e elas começaram a lutar. Xangô ficou muito encolerizado e as duas, apavoradas, fugiram, e transformaram-se nos rios Oxum e Obá, em cuja confluência dos dois rios as águas debatem-se, lembrando a luta das duas rivais.

⁸⁸ *Notes sur le Culte des Orisa et Vodun*, IFAN, n. 51, Dakar, 1957.

⁸⁹ *Orixás, Salvador. Corrupto*, 1997, p. 186.

⁹⁰ *Notas sobre o culto de Orixás e Voduns*, Edusp, São Paulo, 1998, p. 404.

Quando se atravessa um destes rios, não se pronuncia o nome do outro, sob a pena de afogar-se. Daí o ditado: “Obá má bosun” (Não se pode sacrificar a Obá e Oxum ao mesmo tempo).



Rio Obá – foto Pierre Verger, in Oriás, ed. Corrupio, Salvador, 1997, p. 189

c) Terceira parte, no Rio Grande do Sul:

Tradição oral da casa de Pai Joãozinho de Oxum, de Diamantina, filho de Pai Betinho de Xapanã, bacia religiosa de Pai João de Bará, nação jeje, Batuque do R.S. Segundo o informante, o mito foi contado por Tia Mariazinha de Xapanã, da mesma bacia.

Esta parte narra que Obá, após ter sido expulsa do reino de Oyó, foi curada por Ossanha e aprendeu a arte da caça com Odé:

Quando Obá foi expulsa do reino de Xangô, saiu com a mão na orelha, por que sangrava muito. Obá chorou tanto, que os passarinhos ficaram com pena, e avisaram Ossanha, que havia uma mulher chorando na floresta. Ossanha foi até ela e percebeu o ferimento. Penalizado, levou-a para sua casa, a floresta, e ouviu toda sua história. Ossanha curou Obá com suas ervas e tornou-se amigo dela. Ensinou a ela algumas magias para se defender da maldade dos outros.

Odé estava fora, caçando, e quando veio para casa de Ossanha, encontrou Obá já curada, mas indefesa, abalada, por ter perdido tudo. Odé então a levou para caçar e ensinou-lhe alguns segredos da caça, para que ela pudesse alimentar-se sozinha. Ensinou-lhe a plantar e a colher a batata da terra.

Quando Obá aprendeu a defender-se, e alimentar-se sozinha, foi embora da floresta, para ganhar o mundo.

A RECONSTRUÇÃO DO MITO

Como demonstramos, há uma grande possibilidade destas variantes serem parte de um único mito. Assim, nosso próximo passo será juntar as partes, adaptando o texto, quando necessário.

Como Obá tornou-se caçadora

Xangô, oriundo de Nupe, como diziam os antigos, foi de uma terra a outra, parar em Koso, onde se tornou rei, e reinou com Obá. Ali ele viu Oyá lavando-se em seu rio e se

enamorado dela. Oyá tinha ciúmes de Obá, e Obá, de Oyá e de Oxum. Obá não sabia o que fazer para separa-lo de suas concubinas, pois suas prediletas eram as outras duas.

Para contentar Xangô, Obá o presenteou com um cavalo branco. Xangô apreciou o presente e distraia-se muito com seu cavalo. Um dia, dele foi para a guerra e levou Oyá com ele, pois ela lutava muito bem.

Seis meses se passaram e Xangô não voltava. Obá desesperou-se e foi consultar Orúnmila. Ele disse-lhe para pendurar um rabo de cavalo no teto da sala, para atrai-lo. Obá encarregou Elegua de trazer-lhe um rabo de cavalo, mas Elegua, induzido por Oxum cortou o rabo do formoso cavalo de Xangô, e o levou a Obá.

Terminada a guerra, Xangô regressou para a casa de Obá, viu o rabo de seu cavalo balançando no teto, indignou-se muito, e afastou-se dela.

Oxum cozinhava muito bem para Xangô, e ele muito a amava. Oxum, para assegurar o amor de Xangô, colocava um grande cogumelo achatado, em forma de orelha, na sopa destinada a Xangô, e ele extasiava-se com a excelência da refeição. Vendo isso, Obá foi encontrar-se com Oxum, e a encontrou com um lenço amarrado na cabeça, que escondia suas orelhas. Obá perguntou-lhe o que fez para preparar um prato tão delicioso. Oxum respondeu que ela cortou as orelhas e colocou na sopa de Xangô. Obá, desejosa de obter as graças de Xangô, quando chegou sua vez de cozinhar, cortou uma das orelhas e colocou-a na sopa. Xangô, ao encontrar a orelha em seu prato, gritou: - Mas o que é isso? - Não posso comer uma coisa destas. Ficou enfurecido. Nesse momento, Oxum tirou o lenço da cabeça e mostrou a Obá suas duas orelhas intactas. Obá, furiosa, avançou para bater em Oxum e elas começaram a lutar. Xangô ficou muito encolerizado e as duas, apavoradas, fugiram, e transformaram-se nos rios Oxum e Obá, em cuja confluência dos dois rios as águas debatem-se, lembrando a luta das duas rivais. Ao se atravessar um destes rios, não se pronuncia o nome do outro, sob a pena de afogar-se. Daí o ditado: Obá má bosun (Não se pode sacrificar a Obá e Oxum ao mesmo tempo).

Quando Obá fugiu da cólera de Xangô, saiu com a mão na orelha, por que sangrava muito. Obá chorou tanto, que os passarinhos ficaram com pena, e avisaram Ossanha⁹¹, que havia uma mulher chorando na floresta. Ossanha foi até ela e percebeu o ferimento. Penalizado, leva-a para sua casa, a floresta, e ouve toda sua história. Ossanha curou Obá com suas ervas, e tornou-se amigo dela. Ensinou a ela algumas magias para se defender da maldade dos outros.

Odé, divindade da caça, estava fora, caçando, e quando veio para casa de Ossanha, encontrou Obá já curada, mas indefesa, abalada, por ter perdido tudo. Odé então a levou para caçar e ensinou-lhe alguns segredos da caça, para que ela pudesse alimentar-se sozinha. Ensinou-lhe a plantar e a colher a batata da terra.

Quando Obá aprendeu a defender-se e alimentar-se sozinha, foi embora da floresta, para ganhar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, um mito pode viajar e dividir-se na diáspora em várias partes, de maneira que separadamente não formam um sentido, mas quando reagrupados, seu sentido reaparece, se não na forma original, tal qual foi um dia na matriz, pelo menos, minimamente aceitável, na diáspora.

Os mitos, para que sejam considerados válidos, religiosamente falando, devem trazer sempre suas fontes. Sabemos da dificuldade de conhecer a origem de um mito, mas alguns cuidados precisam ser observados, em nome da probidade. Primeiro precisamos saber se o mito é de fonte etnográfica ou oral. Isto identificado, se de fonte oral, é preciso que se registre o informante e sua casa religiosa, sua família de origem, ou pelo menos, a família de origem do

⁹¹ Corruptela de *Òsanjìn*, divindade da fitoterapia. O radical “*sán*” que forma a base de seu nome, significa “curar”.

mito, sua nação, e rito que pratica. Se a fonte é etnográfica, qual livro ou periódico, qual autor, local, qual editor, ano, página. Estes são os pré-requisitos para que um mito possa ser religiosamente aceito como verdadeiro. Sem isso, será considerada mera especulação.

Neste trabalho, o Batuque do R.S. teve importante papel na preservação de parte do mito de Obá, em sua parte final, e é esta identidade própria que os praticantes do Batuque devem preservar, sem absorver valores de outras religiões afro-brasileiras.

— // —

ASSENTAMENTO COLETIVO DE ORIXÁS, EXISTE?

Debate no Facebook - comunidade Nagô Kóbi

- Erick Wolff

Assentamento de várias divindades de uma vez só, notem a foto e comentem, mas por favor respeitem que o faz.... O que não quer dizer que não devam dar o seu ponto de vista ...





Erick Wolff

Vou explicar melhor, o que acham de assentar de bara a osala com facas e etc, com apenas um ou uma cabrita, não sei que bicho é este M ou F, é possível?
Caso alguém aqui faça assentamento assim poderia nos explicar a mecânica dele? Caso haja pessoas que não fazem, eu pediria que não houvessem ofensas, vamos apenas conversar sobre o fundamento e o conceito...



Baba Marcello Xango

Olha mano, bará, Ossanhe, Oxum e Iemanjá ... Essa eu nunca vi na vida kkkk Meu lado se dividi 4 pés mais não para santos de epô e mel juntos nunca Isso me parece cabrito ou uma cabrita e pelo que eu conheço em nenhum lado Iemanjá come cabrita já começa daí ... Carneiro e ovelha é xangô e Iemanjá em todos os lados. Confesso não entender essa feitura ai kkkk Será que não é um tipo de feitiço vai saber kkkkk



Erick Wolff

ahahahahahahahahahahahaha, veja só , não entendi tbm....



Luiz L. Marins

Como seria isso em África?, onde os templos dos orixás estão em cidades diferentes, e são

individuais? Eu não consigo entender isso ... aliás,
eu não consigo nem acreditar que fazem isso.



Erick Wolff

E fácil, põe uma bacia, joga um monte de doces e comidas e manda várias pessoas comerem



Luiz L. Marins Eu não consigo entender okuta de orixás diferentes comendo no mesmo
quatro pé...



Erick Wolff

Eu sei que o Lode por vezes como junto com o Avagã, os dois comem, o mesmo 4 pés numa
obrigação, da mesma forma que eu sei que muitos colocam o Lode com o Avaga no
mesmo okuta



Luiz L. Marins

Prefiro nem comentar ...



Erick Wolff

Luiz L. Marins, eu conheço babas e iyas que deixam o lode e o avagan num mesmo okuta e

separam nas quartinhas



Luiz L. Marins

Só tenho uma resposta: "O Estado é laico e o culto é livre." Mas não vejo fundamento em ejé dividido, jamais. O que facilitou este tipo de rito foi o ajuntamento de vários orixás no mesmo local, quando em África, cada orixá tem seu próprio templo, separadamente.



Erick Wolff

Eu acredito nisso tbm, assim fariam mais orisa numa casa e poderiam ter acesso a mais cabeças.... outro ponto pior seria a mistura do orisa com ori...



Luiz L. Marins

Talvez seja para reduzir despesas mesmo .. mas falta visão de África.



Mògbà Sàngó
curti!



Erick Wolff

?



Nadia Soraia Barbatti

eu já vi coisa parecida mas era amarração... nem gosto de lembrar desses tempos, hahaha



Leonardo Martins

Já soube de um pds q cortou um cabrito (para os orisa masculinos) e na hora das orisa femininas capou... sentou de Bará a Osala. E tbm já soube de gente q cortou pra sango e yemoja o mesmo carneiro... EU E MINHA RAIZ NÃO FAZEMOS e juro que n consigo entender vários comerem o mesmo bicho, n são cachorros pra comer no mesmo prato....



Erick Wolff

ahahahahahaa



Mògbà Şàngó

Olha apesar de não concordarem isso não é incomum no Batuque, não desta forma da foto, mas costuma-se usar mesmo 4 pé para Bará e Ògún... a mesma cabrita de Oxum para Oxalá... desde que não seja o Orixá da pessoa... falo porque sei... não é nada incomum... conheço "várias" casas que fazem... o lance do carneiro para Yemoja é do lado Jéjé que sacrificam para Sàngo e vem um e castra por trás o carneiro e coloca Yemojá... se certo ou errado não sei, mas é bem comum em várias casas... algumas não aceitam dividir 4 pés

também... Ou seja, meio termo, uns fazem outros não!



Mògbà Şàngó

Em relação a Òrìsà um em cada localidade isso em termos, pois um sacerdote de Şàngó em Oyo faz também Èsù e Osayin... Já são 3 Òrìsà no mesmo templo!!!



Fabize Muinhos

Em Candomblé Ketu isso não ocorre, não dividimos axés, ou melhor, Orixás comem individualmente. Bom dia a todos!



Mògbà Şàngó

Em relação a foto ai nunca vi isso na vida... ali tem moringa de Oxum, Yemoja, Osayin e mais outro ali... muito estranho mesmo!!! se fosse fácil assim imaginem quantos pais de santo mais teríamos???? Já tão fabricando Pais de Santo nas coxas... Imagina pegar uma bacia por tudo ali e matar um cabrito em cima???



Mògbà Şàngó

Pergunta polêmica que não quer calar: Pode sacrificar ovelha para Yemoja no mesmo dia que se coloca uma filha de Oya em obrigação com cabrita???? Vejo diversos sacerdotes colocar nos convites de suas festas uma lista de filhos que estarão recebendo seus axés de

apronte, onde colocam: "Fulana de tal da Oya, Fulana de tal de Oxum e Fulana de tal de Yemoja???"



Fabize Muinhos

A Primeira Ekedí de Oya da minha casa, Ase Foribale Korun, é de Iemanjá. Em Ketu, na minha tradição, os ewos são particularidades deste ou daquele Orixá, são particulares, ou seja, não posso sacrificar um ewo de Oya para Oya mas, para Iemanjá sem problemas, ainda assim fazemos fundamentos específicos antes dos atos.



Luiz L. Marins

Verger escreve em Orixás, p. 17, " ...ainda não há, em todos os pontos do território chamado iorubá, um panteão dos orixás bem hierarquizado, único e idêntico. [...] O culto de Xangô, que ocupa o primeiro lugar em Oyó, é oficialmente inexistente em Ifé. Oxum, cujo culto é muito marcante na região de Ijexá, é totalmente ausente na região de Egbá. Já Iemanjá, que é soberana na região de Egbá, não é sequer conhecida na região de Ijexá. A posição de todos estes orixás é profundamente dependente da história da cidade onde figuram como protetores ..."



Luiz L. Marins

Verger escreve em Orixás, p. 32, "... Na África, cada orixá está ligado originalmente a uma cidade ou a um país inteiro. Tratava-se uma série de cultos regionais [e alguns] nacionais. Sangó em Oyó, Yemonja na região de Egbá, Iyewa em Egbado, Ogun em Ekiti e Ondo,

Osun em Ijexá e Ijebu, Erinle em Ilobu, Logunede em Ilexá, Otin em Inixá, Òòsàálá em Ifé, Osalufon em Ifan e Osagiyan em Ejigbo ...



Mògbà Şàngó

Entendo, mas acredito eu que após esta análise Verger o culto tomou muita proporções... vivemos a era RTY... basta olharmos as fotos de nossos amigos Yorùbá do face! Hoje vemos cultuarem mais de um Òrisà, será que está tendo uma evolução neste sentido?



Luiz L. Marins

Este rito de "dividir eje" para sentar okuta de orixás diferentes, é completamente estranho aos conceitos tradicionais da religião iorubá.



Luiz L. Marins

Sim, cultuam, no ojubo. Mas não existe o conceito de dividir "eje" em okuta diferentes. Isto não existe, ou melhor, existe, inventaram aqui no R.S.



Mògbà Şàngó

Concordo em não dividir, mas veja que Abimbola (pg. 43) diz: Ivor pergunta: Quais são os Orixás mais importantes na sua família? Abimbola responde: São Ògún, Ifá e Şàngó. Também temos Òsun e uma variante de Oxalá chamada Oxá Ìkò.



Luiz L. Marins

Mogba, está em debate o conceito de dividir eje em okutas diferentes. O culto de orixás nacionais existem, mas não se misturam os axés.



Mògbà Şàngó

A tá desculpa... então não divida... simples! Até concordo, até porque ninguém divide o Amalá de Şàngó com Ògún...kkkk



Luiz L. Marins Isto que tu disse, não é a exceção, é a regra. Não podemos fazer vista grossa, pois disto depende o futuro da religião, e os mais novos estão aí para aprender e continuar ...



Erick Wolff

Eu acredito que houve esta necessidade pelo motivo de terem muitos orisa numa casa, onde os Baba sentam os santos de cada filho, imagina quantos 4 pés são derrubados numa casa?????

O que eu não entendo é que matam um 4 pés para vários orisa e não podem matar angolistas para sentar santo que não é o do ori.... tem lógica?



Erick Wolff

Veja só, não sou a favor da foto, mas eu penso que é a forma que encontraram para dar um jeito a matança desnecessária....



Luiz L. Marins

Pelo menos Erick, o "desnecessário", que é feito tudo separadamente, não está errado .. basta que se retire o "desnecessário" e mantenha-se apenas "o necessário", com os axés separados. Não tem justificativa eje dividido para okutas de orixás diferentes, pelo menos, não com relação à matriz.



Erick Wolff

Tá, o problema que o sacerdote tem necessidade de sentar 5 a 10 santos de uma vez só... eu só sento os santos restantes quando vão abrir casa, ou quando há necessidade, pois eu penso que numa casa, onde já não divido bacia com filhos para sentar santo, tudo é separado, eu tenho que sentar 8 orisa com 4 pés para cada santo eu acho que chega a ser uma chacina.... pensa no caso de deitar 5 filhos de santo, cada um com uns 8 santos, cada um com 4 pés, só somar para saber quantos cabritos iremos matar numa noite



Erick Wolff

Por isso eu sento o orisa da cabeça, Bara e os que seguem a feitura dele, que dificilmente

passam de 4



Erick Wolff

Outra coisa que deve ter notado na bacia, o orisa fica em uma bacia crua, só temperam com banha de ori, mel ou dendê, não vai uma folha, uma comida nada.... e pior no caso da foto misturaram santos de mel com dendê....



Luiz L. Marins

Eu entendo que há excessos, e que várias coisas precisam ser revistas, mas a "solução" que encontraram, dividir 4 pés para vários orixás, não tem razão de ser.



Mògbà Şàngó

O problema está em fazer ou não santo com 4 pés... se a pessoa tiver Orixá com 4 pé, Bará com 4 pé e ajuntó com 4 pé e os demais com aves, talvez isso não precisaria ocorrer... mas daí eles te dizem que Orixá feito apenas com ave é errado... Sei de relatos de Sacerdotes antigos que não tinham 4 pés em todos santos da prateleira... Mas hoje virou moda ter que derrubar 12 4 pés numa noite... sou a favor de não dividir eje nos okutás separados, mas também penso que não seja uma regra ter que sacrificar 4 pés para todos Orixás... Prefiro um pombo sacrificado com fundamento que um 4 pés...



Erick Wolff

Sim concordo, mas como fazer no caso de ter que sentar vários orisa, há sacerdotes que gostam de sentar o irunmole de todos, e deitam vários filhos de santo... me diga quantos animais de 4 patas irá matar naquela casa? sem falar que cada 4 orisa seguem com uns 7 a 8 ou mais aves.... houve casos que eu sei que mataram 8 cabritos de um único orisa...



Erick Wolff

Outra coisa absurda que eu vejo falarem, que quem tem 4 pés jamais poderá ter angolista na cabeça depois, por que retrocede a obrigação, isso é a coisa mais absurda que já ouvi na minha vida.....



Mògbà Şàngó

sim isso acho absurdo também... dizem que uma pessoa que teve 4 pés jamais poderão deitar apenas com aves... isso é porque confundem ritual de Orixá misturado com Orí...



Erick Wolff

Eu entendo que misturam tudo, no entanto no culto a orí não há necessidade de deitar com 4 pés, na verdade nem perguntam o que orí quer comer, vão e enfiam os bichos do orisa da pessoa....



Erick Wolff

Ainda não há conceito de orí no Batuque... as pessoas tratam orisa como se fosse o orisa da pessoa e alimentam o orisa da pessoa no orí no conceito de bori



Luiz L. Marins

O Batuque pode abrir uma ampla discussão do que é, ou não, necessário, mas é preferível um okuta (ojubo) encostado com ave, do que assentado com 4 pé dividido ... ou então não faça, a maioria dos babalorixás que conheci não tinham todos os santos sentos,



Erick Wolff

Eu tenho todos os santos sentos, são antigos, alguns tem 30 anos outros um pouco menos, e foram feitos com 4 pés todos, eu tenho conversado com muita gente sobre os demais santos sentos com aves, e não vejo mal algum, ainda mais quem tem muitos filhos de santos e precisam sentar vários santos de uma vez... melhor até mesmo do que por vários Ogun para comerem numa bacia.



Luiz L. Marins

não entendi ...



Mógbà Sàngó

Eu me criei com sacerdotes que diziam: Este meu ossanha da prateleira tem até 4 pés, pois pra eles levavam a sério uma feitura assim... iam dando 4 pés aos poucos com decorrer dos anos... mas hoje em dia virou moda derrubar 4 pé como sinônimo de pessoa ser "bem pronta na religião", kkkkk Tremenda ignorância...



Erick Wolff

É assim, quando não colocam vários orisa diferente numa bacia, é colocado os orisa dos filhos que estão deitados numa bacia separando por orisa, por exemplo deitará 5 pessoas, e vão sentar 5 Ogun, mas nem um deles é de Ogun, estes 5 Ogun vão na mesma bacia.



Erick Wolff Mògbà Sàngó

eu conheço pessoas que possuem santos que foram feitos com 4 pés e a manutenção com angolistas..... não vejo mal algum tbm...



Mògbà Sàngó

claro que não, porque o povo do Batuque tem que entender que não é o tamanho do animal que está em jogo, tipo do menor ao maior... e sim a força e axé que cada um possui... Uma simples Codorna pode ter mais significado para determinado Orixá que um cabrito... Oxalá pode querer um simples e pequenino Igbín que uma cabra e como fica? Acho que por aqui fazem distinção de porte do animal...



Luiz L. Marins

ojubo .. isto eu sei ... eu não entendi porque disse que "é melhor"
"...melhor até mesmo do que por vários Ogun para comerem numa bacia..."

Em 19-09-2013 13:30, Erick Wolff escreveu:



Erick Wolff

Eu me refiro as aves, fazer com angolista, melhor fazer com angolista e separadinho do que colocar um monte de ogun ou orisas dentro de uma bacia e matar um 4 pés ali...



Erick Wolff Luiz L. Marins

Vc acha que sentar vários ogun numa bacia é possível?



Luiz L. Marins

Se for só ojubo de ogun.



Erick Wolff

Mas aí vc cai no mesmo de sentar varias divindades numa mesma bacia, vamos mudar a divindade e passar para as yemanja, há casas que entre as yemanja são sentas Nana, yewa e

Yemanjá, caiu tudo numa bacia... apesar de darem os mesmos bichos, são divindades diferentes, ou como os Osala, que temos Obokun, olokun, dakun e jobokun.... não seria o mesmo problema, como separar quem são se jogou tudo numa bacia e como fica a individualidade daquela divindade?



Luiz L. Marins

Estamos falando de ojubo, ou não?



Erick Wolff

Não leve a mal meu questionamento, mas da mesma forma que para sentar tudo numa bacia chega a ser um pbm, meu baba tbm questiona de vários iniciados numa mesma bacia



Luiz L. Marins

Eu não levo a mal nada, temos que falar mesmo ... se estamos falando de ojubo, é uma coisa ... se estamos falando de orixás individuais, qualidades, é outra coisa.



Erick Wolff Considerando que o meu enredo é Osala, Osun e Yemanjá, os demais santos que eu possuo são ojubo, os demais, poderiam ser sentos com angolista e mais tarde irem comendo seu 4 pés, não seria melhor do que por tudo numa bacia e comer tudo junto misturado do mesmo orisa ou com orisa diferentes?



Luiz L. Marins

Como disse o Mogba, o erro de alguns segmentos do batuque está em só considerar pronto, quem tem todos os santos sentos com 4 pé ... aí não aguentam a despesa, terminam por dividir o eje nos ojubo de orixás diferentes. O eje de um ojubo, não se mistura com o eje de outro ojubo. Ojubo é coletivo de um orixá, não de vários ... concordo com você, é melhor um ojubo encostado com ave (separado), do que assentado com 4 pé dividido com outros orixás.



Erick Wolff e

não é isso que eu estava falando....



Erick Wolff

Pior quando ele está numa mesma bacia, sem ao menos separar em alguidares....

Adaptação: Luiz L. Marins

CULTURA YORUBA

<http://culturayoruba.wordpress.com>

DIFERENÇA DO *ALUJÁ* DE *ȘĂNGÓ* VELHO PARA O *ȘĂNGÓ* NOVO NO TAMBOR.

Por Vagner de Aganjú

*Alágbè*⁹² é o cargo usado na Nação Batuque e em todas as suas raízes, um *Alágbè* pode chegar assentar os santos, búzios e facas e possui o direito de iniciar indivíduos no caminho do *òrìșà* e seus rituais, segundo a cultura *Òrìșàista* Afro-sul.

Este vídeo foi gravado pelo *Alágbè* Vagner de *Aganjú*, que pertinememente explica o *Alujá*⁹³ e seu fundamento, explicando a diferença entre o *Alujá* para *Aganjú*, *Igbeji* e *Agodô*.

Confira o vídeo na página ao lado >>

Saiba mais sobre

Vagner de *Aganjú Korin*⁹⁴ *Alágbè* (ESCOLA DE ALABES - POA)
<https://www.facebook.com/Vagnerdeagandju>



⁹² *Alágbè* – Aquele que usa a cabaça como instrumento, também é um título usado para quem toca *ítú* (tambor de duas faces usados no *Òrìșàista* Afro-sul).

⁹³ *Alujá* – O toque de guerra de *Șăngó*, quando ele convida as divindades para a guerra.

⁹⁴ *Korin* - Cantor

DIFERENÇA DO ALUJÁ DE SẼANGÓ VELHO PARA O SẼANGÓ NOVO NO TAMBOR.

Por Vagner de Aganjú

*Alágbè*⁹² é o cargo usado na Nação Batuque e em todas as suas raízes, um *Alágbè* pode chegar assentar os santos, búzios e facas e possui o direito de iniciar indivíduos no caminho do *òrìsà* e seus rituais, segundo a cultura *Òrìsàista* Afro-sul.

Este vídeo foi gravado pelo *Alágbè* Vagner de *Aganjú*, que pertinememente explica o *Alujá*⁹³ e seu fundamento, explicando a diferença entre o *Alujá* para *Aganjú*, *Igbeji* e *Agodô*.

Confira o vídeo na página ao lado >>

Saiba mais sobre

Vagner de *Aganjú Korin*⁹⁴ *Alágbè* (ESCOLA DE ALABES - POA)
<https://www.facebook.com/Vagnerdeagandju>



⁹² *Alágbè* – Aquele que usa a cabaça como instrumento, também é um título usado para quem toca *ítú* (tambor de duas faces usados no *Òrìsàista* Afro-sul).

⁹³ *Alujá* – O toque de guerra de *SẼangó*, quando ele convida as divindades para a guerra.

⁹⁴ *Korin* - Cantor

IDENTIDADE BATUQUEIRA:

Texto extraído do Facebook
Pai Mozart de Iemanjá

Todos nós batuqueiros de raiz temos consciência de que vivemos um momento novo, com inúmeros desmandos e quebras de hierarquias em nosso meio religioso, e talvez numa utopia “marketeira” imposta pela mídia, onde muitos são induzidos a, ingenuamente, negar o que é seu e julgar aquilo que é do outro mais interessante.

Este fenômeno não é novo, faz alguns anos, quando as casas de Umbanda eram numerosas em Porto Alegre e o BATUQUE, por ser discreto, sigiloso e cheio de mistérios, havia em número de casas reduzidíssimos; foi assim, de uma hora para outra, por motivos variados, mas também por falta de orientação teológica, que estes umbandistas começaram a frequentar as casas de santo e assistirem alguns de seus ritos. Pronto!... Bastou um Ogunhê diferente para que o médium umbandista emocionado, indisciplinado e sem limite orientado por seu dirigente, chegasse no terreiro e ao invés de saudar as linhas de Ogun com “sarava meu Pai Ogun” exclamasse “Ogunhê!”.

Eu poderia citar outros exemplos. O fenômeno do plágio e da cópia, inclusive, da base para a teoria “nada se perde, nada se cria, tudo se copia”. Mas na religião afro brasileira não pode ser assim, visto que nossos Orixás não são “santos” e sim consciências elementares, e nos reconhecem, e aos nossos rituais, por intermédio de fundamentos e tradições que os aproximam ou afastam. Logo, é fácil concluir que a falta de conhecimento da tradição de uma raiz não é reconhecida pela divindade.

Daí a falta de respostas espirituais eficientes e até mesmo as consequências, muitas vezes funestas, sentidas por seus seguidores que normalmente se queixam por serem penalizados, sem se darem contas que estão fazendo algo que sua espiritualidade não reconhece e não aceita.

Mais recentemente, com a modernidade das redes sociais e da vida virtual, os batuqueiros começaram a se aproximar dos crentes, e por consequência, das casas de Candomblé. Mais uma vez o impacto da mescla. Se há poucos anos atrás Candomblé era uma realidade distante dos gaúchos de Nação, somente praticado do “Sudeste do Brasil para cima”, hoje ele é praticado em Estado e em nosso meio, e acolhido meritoriamente como coirmãos afro religiosos. Necessariamente os candomblesistas são consumidores que necessitam de produtos e objetos característicos de seu culto, um alvo aberto aos mercados que abastecem os religiosos afro. Floras e bazares começaram a exibir atabaques, adjás, igbás, quartinhos, leses, ojas, mokans, brajás, orobôs, Obís, entre tantas outros que poderia citar: tudo pertinente aos ritos e liturgias dos Candomblés. Novamente: pronto!... Não precisou muito tempo para que alguns de nossos crentes mais desavisados, e orientados por Pais ou Mães de Santo descomprometidos com a ancestralidade que os gerou, portanto sem a firmeza ética e a retórica moral para os limitar, começassem a inserir gradativamente estes apetrechos em sua realidade de Batuque.

A grande questão a ser analisada não é uma imposição de rivalidade “política” com nossos irmãos candomblesistas, mas sim a manutenção da fidalguia e do orgulho bom de termos uma identidade religiosa: BATUQUE RS, onde não se invocam as divindades por adjás, mas sim por sinetas (campanhinhas) e nem por atabaques mas sim por Ylús e Inhãs. Nossas vasilhas de assentamento seguem preceitos diferenciados para tal e tal Orixá, podendo ser de barro, louça vidro, cabaças e cascos de animais, visto que nossos Orixás não reconhecem, desde a suas origens de feitura ancestrais, estes objetos característicos do Candomblé. Nossas guias de contas são divisas de hierarquia, é isso que nossos Orixás reconhecem.

As divindades com feitura em nossas Nações não reconhecem o que é diferente, embora a beleza dos objetos usados por nossos irmãos do candomblé para assentamento e ritos aos N’inkices e Voduns possam agradar os olhos, e principalmente a vaidade “burra” de alguns

poucos batuqueiros nesta condição, que por quererem ser diferentes e chamarem as atenções sobre si, eles negam a tradição de sua origem e o zelo de seus antepassados ao inovarem e fazerem diferente.

Costumamos penalizar e criticar os jovens sacerdotes do Batuque pelas invencionices e pelos impropérios que assistimos seguidamente em alguns rituais, mas nos esquecemos de que estes jovens foram iniciados, orientados por sacerdotes mais velhos, que permitiram que eles se tornassem vândalos da identidade e da honra batuqueira. Foram estes mais velhos que também se reproduziram de outros mais velhos ainda, que deram a permissividade para que hoje seus descendentes produzissem liturgias que os Orixás do Batuque não reconhecem e não aceitam. Lucram as “igrejas” que receberão amanhã ou depois estes então ex batuqueiros, que por não terem cumprido com os preceitos corretos e pertinentes, não terão respostas eficazes e portanto andarão para trás. Daí a história e sempre a mesma: a religião afro não é boa, o pai ou mãe de santo é um explorador e os Orixás são demônios.

Ao Longo dos anos já assisti esse desfecho várias vezes, sei como tudo acaba. Parece-me que a única solução, que ainda pode trazer norte a muitos crentes nesta situação, é o esclarecimento e o sentimento de amor verdadeiro para com as divindades, traduzido em forma de hierarquia, disciplina e humildade... asé



Pai Mozart de Iemanjá, Nação Batuque, raiz Oyo

<https://www.facebook.com/paimozart.deiemanja>

Adaptação: Erick Wolff8

Revista Olorun

<http://www.olorun.com.br>



APAE
DE SÃO PAULO

